

# Medidas Radicais Contra Espoliação lanque Para Conter a Carestia

## Quem Paga é o Povo

Os dados abaixo correspondem aos financiamentos e subvenções prestados pelo governo à "iniciativa privada", nacional e estrangeira. Em apenas um ano. Constituem a causa real da inflação, paga e sofrida pelo povo.

(Comércio Exterior)	
queda dos preços dos produtos de exportação	200 bilhões de cruzeiros
remessas legais de lucros para o exterior	100 bilhões de cruzeiros
remessas ilegais de lucros para o exterior (sub e superfaturamento)	150 bilhões de cruzeiros
subvenção de café consumido no Brasil	36 bilhões de cruzeiros
compra de café	50 bilhões de cruzeiros
gastos de armazenagem de café	30 bilhões de cruzeiros
financiamento de café	100 bilhões de cruzeiros
replanteio de café	25 bilhões de cruzeiros
redescortes	100 bilhões de cruzeiros

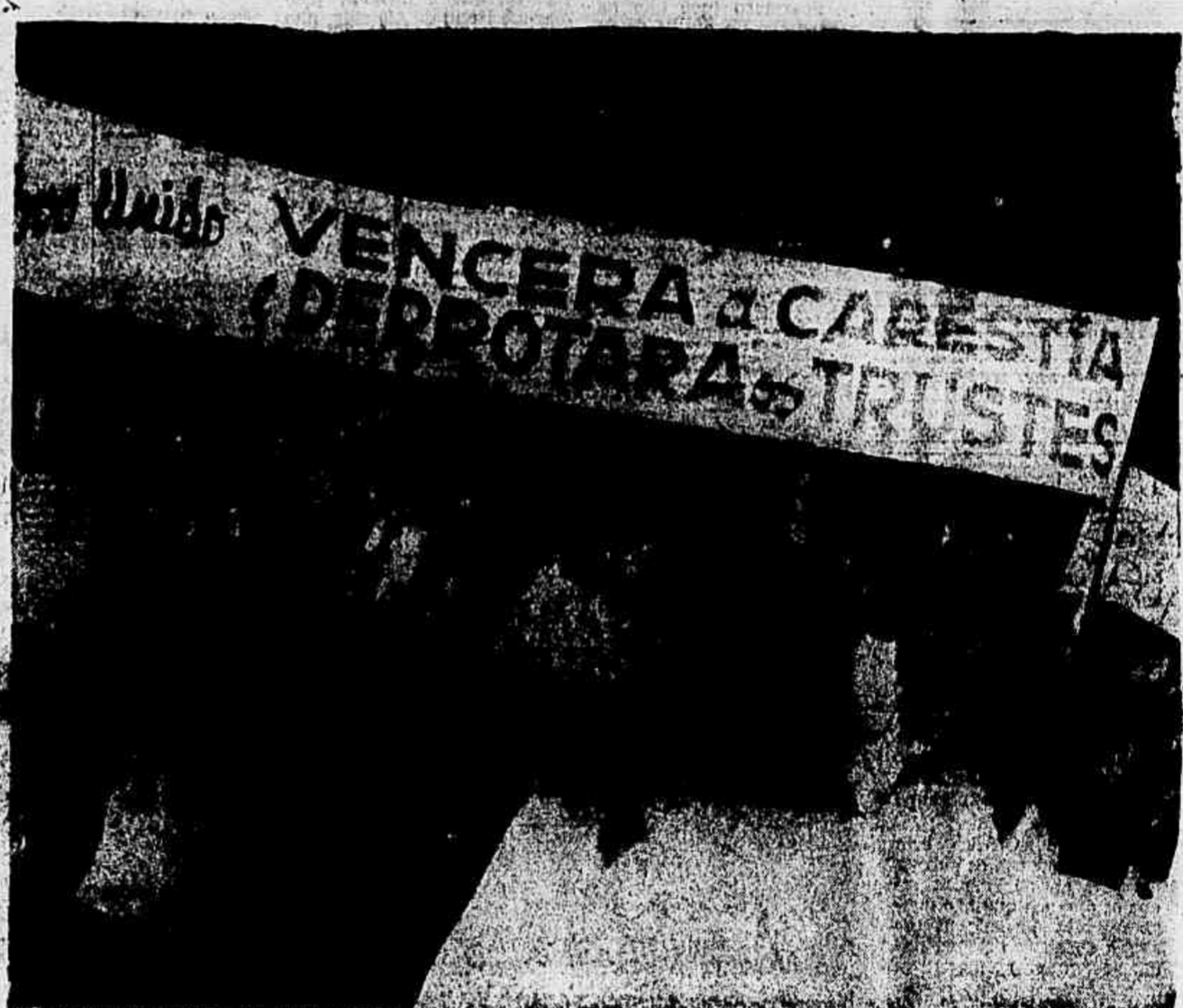
página 8

# NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 25 a 31 de janeiro de 1963 — Nº 204

## Togliatti Analisa as Divergências no Movimento Comunista

Texto na 4ª página



### Apontando o caminho

Realizando comícios e manifestações, pronunciando-se através das entidades sindicais e populares o povo brasileiro trava neste momento a luta contra um perigoso inimigo: a carestia. Nessa luta, indica também o caminho para vencê-lo. Aponta aos governantes a solução do problema: a luta contra os trusts imperialistas que espoliam o país e o nosso povo, a luta contra o regime de subvenções aos setores da indústria e do comércio exportador. No Rio de Janeiro e em Guanabara, notadamente, vêm-se realizando numerosas manifestações. Na Villeta, a Liga Feminina desenvolve intensa campanha denunciando os brutais aumentos de leite e a carne. Na foto, aspecto de comício realizado em São Paulo.



## São Paulo Luta Contra Esbulho do Voto a Operários e a Sargentos

Os trabalhadores e o povo de São Paulo estão desenvolvendo intensa luta em defesa dos mandatos dos patriotas eleitos em 7 de outubro e ameaçados pelas forças reacionárias. No Centro Social dos Sargentos realizou-se uma grande assembleia (foto), a que estiveram presentes cerca de mil sargentos, durante a qual os oradores e os assistentes manifestaram sua inabalável decisão de impedir o golpe que se pretende dar contra centenas de milhares de eleitores. Na capital paulistana, vêm tendo lugar vibrantes comícios de protesto contra a cassação de mandatos. Na cidade de Araraquara um abaixo-assinado firmado por mais de mil pessoas exige o respeito ao voto popular. A luta contra o esbulho eleitoral ganha cada dia maior vigor. (Texto na 3a. página).

## SECURITÁRIOS PRONTOS PARA A GREVE A PARTIR DO DIA 30: QUEREM 70%

Texto na 2ª página

## SINDICALISMO NOS EUA É PONTA DE LANÇA PATRONAL ENTRE OS TRABALHADORES

Texto na 8ª página

Ameaça à Previdência Social  
Artigo de OSMILDO STAFORD DA SILVA, na 2ª página

## Irmão de Kennedy «Veta» Funcionários Brasileiros

Texto na 3ª página

# Provas "A": URSS Aceita Inspeção

Texto na 7ª página

## Estrutura Sindical Moderna Exige o Reconhecimento Dos Delegados de Empresa

Texto na 2ª página

## TCHOMBE DEVE RESPONDER PELO ASSASSÍNIO DE PATRICE LUMUMBA

Texto na 7ª página

## Sociedades de Amigos de Bairros: Reunião

Para discutir problemas enfrentados pelas populações de bairros e subúrbios da Guanabara, bem como para tratar de questões relacionadas com a unidade de ação e com a organização de suas associações, representantes das sociedades de amigos de bairros de toda a cidade reunir-se-ão domingo, dia 27, na sede da Sociedade de Amigos da Piedade, na rua Goiás, 642, sobrado, naquele subúrbio da Central. Os promotores do ato esperam e julgam imprescindível o comparecimento de todos os dirigentes das inúmeras sociedades de amigos de bairros sediadas na GB.

## «Vais bem, Fidel»: Tarde de autógrafos

Hoje, quinta-feira, às 16 horas, na sede do Instituto Cultural Brasil-Cuba, Edifício Avenida Central, sala 1518, a escritora Jurema Yara Finamour estará autografando exemplares do seu último livro, "Vais bem, Fidel" — reportagens sobre a vida do povo de Cuba, sua revolução, suas lutas. Espera-se grande comparecimento popular ao ato, de vez que o livro de Jurema vem sendo constituído num dos êxitos literários mais expressivos deste início de ano.



# Para Receber o 13.º, Milhares de Paulistas Foram à Greve e Outros Tantos Aindairão

Centenas de greves eclodiram na Capital e cidades do interior paulista, desde que se esgotou o prazo legal para o pagamento do 13.º salário. Em algumas categorias profissionais a luta prossegue firme e sómente será encerrada quando o decreto 4.090 tenha sido integralmente cumprido.

No último dia 21 entrou em colapso a rede bancária da Capital paulista, com milhares de bancários em greve pelo pagamento das tradicionais gratificações de fim de ano.

Uma grande parede poderá paralisar inteiramente os principais frigoríficos de S. Paulo, com reflexos no abastecimento de carne da cidade e de outros Estados. Tanteia metalúrgicos, gráficos, fumageiros, empregados nos setores de gás, luz e telefones da Light, trabalhadores em bebidas, marceneiros e muitas outras categorias profissionais estão em plena luta, avançando de conquista em conquista, dobrando patrão por patrão, ou todos eles de uma só vez.

Mais alguns dias e nenhum trabalhador paulista terá deixado de embolsar o 13.º salário e, em alguns casos, as gratificações de fim de ano que há muito recebem.

## CONSTRUÇÃO CIVIL

No setor da construção civil, o número de greves pelo pagamento do 13.º mês já atingiu cerca de 90, todas elas vitoriosas. A primeira greve, na Empresa Construtora Ribeiro Franco, onde há 340 operários, durou 5 dias. A paralisação iniciou-se no dia 21 de dezembro. As demais greves, duraram em média, até o dia 31, apenas 2 dias para que os patrões cumprissem a lei. Do dia 31 em diante os movimentos parciais pelo abono de Natal, têm duração no máximo duas horas, e a maioria das empresas já cumpriu essa conquista dos trabalhadores.

## TEXTIL

Cerca de 150 empresas têxteis que pagam por tarefa, negaram-se a acrescentar os 90% do último reajuste salarial, na média anual, para o pagamento do 13.º mês. Em consequência disso, em numerosas fábricas, os operários recorreram à greve, todas vitoriosas, como aconteceu com as empresas Cabat e Cotonificio Paulista, respectivamente com 600 e 700 operários. Grande número de empresas, com a simples ameaça de greve, pagaram. Quanto às poucas que ainda não pagaram, são indústrias que os seus empregados estimulados pelas vitórias observadas onde

houve greve, dentro de poucos dias também farão valer seus direitos.

## METALÚRGICOS

Entre os trabalhadores metalúrgicos, o número de paralisações do trabalho pela aplicação da lei 4.090, atingiu a proximadamente 100 firmas. Entre elas, a Associação Geral do Brasil, onde trabalham 800 operários. Ali o movimento paralisou a produção e terminou no dia 23, totalmente vitorioso. A palavra de ordem do Sindicato da categoria ainda está de pé: "não pagou, parou". Isso tem garantido vitórias rápidas, sem precisar recorrer à Justiça Trabalhista.

## BEBIDAS

Os trabalhadores da Companhia de Cerveja Brahma paralisaram totalmente a empresa na última segunda-feira, para assistirem à audiência, para se realizar naquela dia, às 14 horas, no DRT. Razão da audiência: o recebimento de um mês de salário, que a empresa pagava há 30 anos e que este ano não pagou sob a alegação de que já dera o 13.º mês. A parede foi suspensa até o julgamento do DRT, quando foram totalmente vitoriosos.

## BANCÁRIOS

A diretoria do Sindicato da categoria vem orientando os bancários na luta contra o não pagamento das tradicionais gratificações de fim de ano. Com esse objetivo, já foram realizadas assembleias em mais de 80 estabelecimentos bancários. Face à firme disposição dos trabalhadores de paralisarem os bancos da capital, o sindicato patronal pediu um prazo até o dia 21, quando dariam resposta definitiva.

## GRÁFICOS

Quatro greves ocorreram no setor gráfico pelo recebimento do 13.º salário. No estabelecimento Gráfica Bignardi, os 200 operários que ali trabalham cruzaram os braços durante 2 horas. A pedido do patrão, a polícia obrigou os trabalhadores a voltar ao serviço. A firma descontara dos seus empregados, dois dias do mês de dezembro em que eles não haviam trabalhado por força de acordo entre as partes. Na mesa redonda no DRT, os operários tiveram ganho de causa.

Na Brasil Gráficos, com 100 trabalhadores, os patrões descontaram do 13.º mês, todos os dias em que não houve trabalho. Em alguns casos, a firma não pagou nada. Porém com uma greve

total que durou 45 minutos, os empregadores voltaram atrás.

## CIGARROS SUDAN

Na fábrica de cigarros Sudan, uniram-se os trabalhadores do setor industrial, os do departamento gráfico da empresa e os do transporte, para exigir o cumprimento da lei 4.090. Com uma semana de greve, os trabalhadores saíram vencedores.

## GÁS, LUZ E TELEFONE

Os trabalhadores em gás, luz e telefone, unidos, entregaram às empresas o pedido de pagamento do 13.º salário juntamente com o abono de Natal que vinha sendo pago, mas que em 1962 foi suprimido. Na assembleia em que tal decisão foi tomada (dia 10), deram às empresas o prazo de 30 dias, findo o qual a greve será decretada. Além de São Paulo, participaram do movimento os trabalhadores de Santos e do Rio.

## FRIGORÍFICOS

Os 1.800 operários do Frigorífico Wilson, em face da empresa não haver pago aos horistas e empreiteiros, no dia 10 último, a diferença correspondente ao mês de dezembro (que não haviam pago no dia 24 de dezembro) recusaram o pagamento do trabalho e saíram em greve durante 2 horas. O mesmo aconteceu no Frigorífico Swift, com 1.400 trabalhadores, onde a paralisação ocorreu no dia 11. O Sindicato de Carnes e Derivados está encaminhando

de os entendimentos. Tudo indica, que, se não houver solução amigável, a greve pelo 13.º mês será total nos frigoríficos, inclusive no Armour, onde trabalham 2.000 operários.

## MARCEIROS

Os marceneiros já deflagraram 30 greves, todas vitoriosas, pelo 13.º mês. Entre

elas há o caso da firma Anselmo Cerello, com 270 empregados, face ao não pagamento de 60% de aumento que vigora desde 1.º de dezembro. Paralisaram o serviço no dia 2. No DRT os empregadores comprometeram-se a acertar tudo no dia 12, quando realmente atenderam aos trabalhadores.

## Greve na Cia. Brasileira de Sinalização

### Empresa do Ministro Não Cumpre Acôrdos Salariais e Ignora a CLT

S. PAULO (Da sucursal) — Encontram-se em greve desde o último dia 14, os 250 operários responsáveis pelo funcionamento da sinalização automática do setor da estação Roosevelt, da Estrada de Ferro Central do Brasil. O motivo prende-se ao fato de a Cia. Brasileira de Sinalização, empreiteira das obras das estradas de ferro, não haver cumprido os acordos salariais dos trabalhadores das categorias metalúrgicas e de construção civil, as quais aqueles operários pertencem. Além disso irregularidade, a empresa, que é dirigida pelo grupo Heiló de Almeida, não paga hora extra, o descontado remunerado, nem cumpre outras condições da legislação trabalhista, tais como as taxas de insalubridade, periculosidade etc. Com relação ao 13.º mês de salário, a firma pagou apenas 40%. Exploração idêntica, sofrem os demais 325 empregados dessa empresa que

opera em nossas estradas de ferro.

A fim de participarem da mesa-redonda que realizou-se na DRT, no dia 18, os grevistas fizeram uma passeata pelas ruas centrais paralisando numerosos cartazes denunciando a exploração a que estão submetidos pela empresa pertencente ao ministro Hélio de Almeida. Durante a mesa-redonda o representante da firma, antes de qualquer outro assunto, insistiu em "justificar" sua descabida pretensão de somente começar a pagar o novo salário mínimo, a partir de junho. Em vista disso, o delegado do Trabalho suspendeu a reunião e marcou outra para o dia 22.

Devido ao alto espírito de luta dos grevistas, tudo indica que eles só voltarão ao trabalho depois de obterem uma vitória total. Eles estão recebendo completa assistência dos sindicatos dos trabalhadores metalúrgicos e da construção civil.

## AMEAÇA À PREVIDÊNCIA SOCIAL

Genildo Stafford da Silva

A criação do Ministério da Previdência e Assistência Social, em 1961, sob o governo de Juscelino Kubitschek, deu origem a uma nova estrutura administrativa, com a consequência das consequências últimas desses estudos, discussões e planos.

As classes trabalhadoras, particularmente os bancários e seguritários do Brasil, não têm objeções a fazer quanto à criação do Ministério da Previdência Social, desde que, de claro, a iniciativa não vise apenas a criar mais uma pasta, rendendo cargos e um numeroso corpo de funcionários que vianham sobrepor ainda mais o orçamento da República. O espírito que a determina consiste em formar um organismo coordenador e orientador dos institutos de previdência, racionalizando a sua atividade e fiscalizando os excessos, os abusos e o desvio criminoso da receita obtida através de contribuições compulsórias de empregados e empregadores.

Mas, o que se planeja à boca pequena, o objetivo sinuoso que parece esconder-se atrás do Ministério da Previdência, é a desestruturação dos institutos, transformando-os em simples departamentos, chefiados por diretores demitíveis "ad nutum", e por conseguinte, inteiramente submetidos aos caprichos, desejos, interesses e ambições dos políticos que estiverem em evidência no momento.

Por outras palavras — o que se trama, o que se pretende, é um grave e sinistro retrocesso em matéria de previdência social. Os institutos de previdência e, depois, o sistema colegiado e a Lei Orgânica da Previdência Social, não foram estatutos outorgados por governantes liberais e avançados. De modo algum. Foram conquistas da classe trabalhadora em lutas memoráveis que custaram sofrimentos, angústias e a vida de muita gente. A previdência social tem os seus heróis anônimos, suas vítimas, que o grande público não conhece, mas que todos os sindicatos de todas as categorias profissionais cultuam com respeito.

É a implantação do sistema colegiado, entregando a direção dos institutos a representantes das classes contribuintes — empregados, empregadores e seguritários — que está desagradando profundamente a todos quantos se habituaram a utilizar os como fonte de empregos e de favores eleitorais. Lutam, assim, por todos os meios, para o retorno ao sistema presidencialista que, sendo bom e necessário no plano nacional, é, na administração dos institutos, pernicioso e fonte permanente de corrupção.

Como seria impossível combater de frente o sistema colegiado, atacam-no por vias indiretas, preconizando soluções aparentemente inteligentes e satisfatórias, como esta da unificação. Se o sistema colegiado não funciona em algumas autarquias, o defeito não pode ser dos homens que o integram e não do próprio sistema. Mas parece que falta a coragem de por o dedo na ferida, de combater os que não merecem confiança. Lastimável e catastrófica essa falta de coragem em condenar o corrupto, onde quer que se encontre. Dir-se-ia que há um temor secreto de que o ataque à corrupção acabe envolvendo os próprios atacantes.

Mas deixemos de lado esse aspecto da vida nacional, que só a nossa evolução política e social sanará no devido tempo. Voltemos ao recurso indireto da unificação dos institutos, como meio eficaz de eliminar o sistema colegiado.

Se a previdência social descentralizada, isto é, organizada de acordo com categorias profissionais, a fim de prestar uma

assistência limitada, é possível de crítica severa, que apontaria os seus pontos fracos, a sua estrutura, a sua organização, a sua forma de funcionamento, a sua maneira de responder a um eventual piorar da tal maneira que a sua falência completa será irremediável.

Pois muito bem: esta é a dura e crua verdade. A falência é o que muita gente quer e não o diz, por medo e vergonha. Deixa-se a revogação da Consolidação das Leis do Trabalho, criando-se em seu lugar um novo sistema, como para os empregadores. Deseja-se a liquidação da previdência social para acabar com o rescaldo de uma contribuição, que tanta falta parece fazer a opulentos e gordos organizados privados, que não se contentam com os seus lucros sempre crescentes, sobretudo nesta fase inflacionária, em que sofrem apenas os pobres assalariados, enquanto a minoria sorri contente encolando máquinas do somar que registram os primeiros trilhões de suas respeitáveis fortunas.

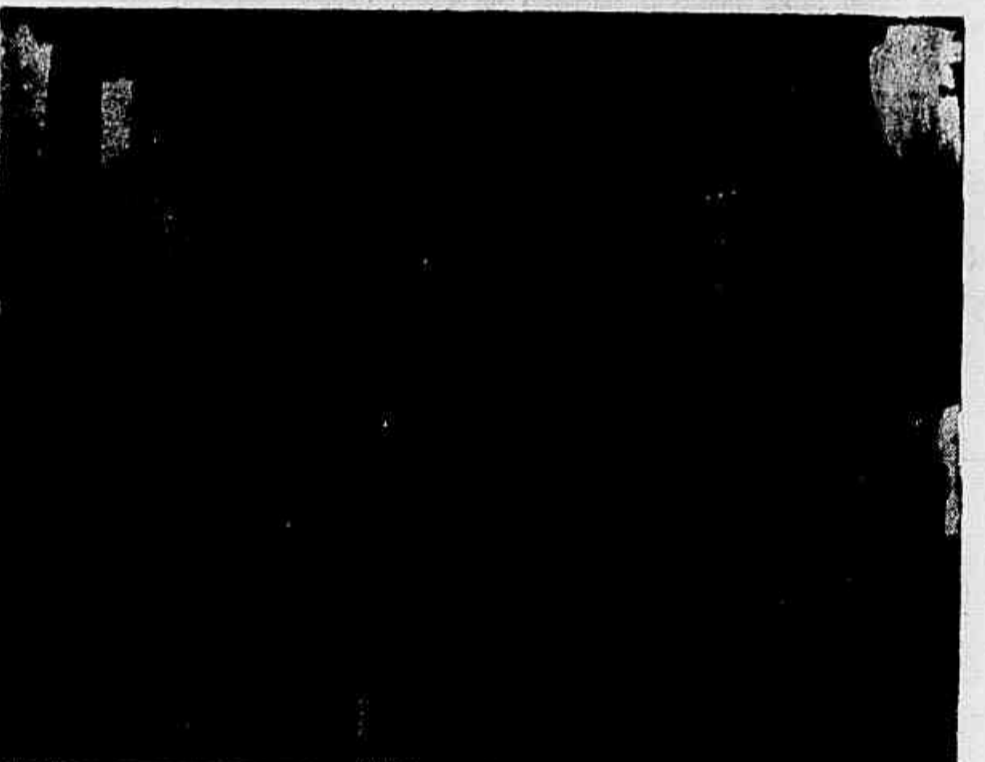
Voltemos uma vez mais à célebre pergunta: Unificar entidades de situação heterogênea? Como? O Instituto dos Bancários, que nos interessa de maneira direta, tem 200.000 segurados contribuintes. O Instituto dos Industriários tem 200.000 aposentados. Como unificar um com o outro? Só um cenário enfermo, ou mal intencionado, poderia conceber semelhante ideia.

Para os bancários do Brasil e também para os seguritários, a unificação seria um desastre. Digo mais seria um furto. Mais ainda: seria um crime. Depois de uma luta insana para a criação do seu instituto; depois de uma guerra violenta para mantê-lo a salvo das explorações políticas; depois de uma verdadeira revolução para libertá-lo de administradores desonestos que o utilizaram durante anos a fio; depois de toda essa batalha infatigável, eis que agora pretendem unificá-lo, isto é, destruí-lo, privando-o da assistência excepcional que obtém graças à sua vigilância, como classe organizada e altamente politizada.

Somos frontal, violenta e desonestamente contrários, nós os bancários do Brasil, a qualquer sugestão, ideia, plano, velado ou audácia de unificação. Não porque nos inspire qualquer sentimento egoísta ressaltando do resto de que a assistência que hoje recebemos desapareceria. Estaríamos prontos ao sacrifício se daí resultasse um benefício real e concreto para os outros classes. Mas sabemos que, com essa monstruosa unificação todos perderão: bancários, industriários, comerciantes, marítimos etc. Ninguém ganhará coisa alguma. Ganharão apenas aqueles que forem nomeados para os altos postos que forçosamente serão criados. Ganharão, os políticos desonestos, que voltarão a utilizar, sob a vigilância dos trabalhadores, os recursos sagrados da previdência social, para satisfazerem suas ambições perniciosas de poder. Enfim, ganharão os exploradores do povo e o povo perderá mais um pouco do quase nada que tem.

É preciso que todos os brasileiros, as viúvas, os órfãos, os velhos e inválidos, que perdem horas em filas para receberem um auxílio magro e insultuoso, gritem com todas as suas forças contra essa inversão diabólica da unificação, que os deixará definitivamente no desemprego.

E os bancários, especialmente, devem mobilizar-se desde já e protestar a plenos pulmões contra a tentativa de transformar o seu pujante e eficiente instituto num mero departamento burocrático e em suas portas passarão a bater em vão, suplicando uma migalha daquilo que reivindicaram, construíram e sustentam.



## PRONTOS OS SEGURITÁRIOS PARA ENTRAR EM GREVE 3.ª-FEIRA

Os seguritários cariocas já estão com o esquema de greve articulada, e esta eclodirá a zero hora da próxima terça-feira caso até a assembleia que realizará no dia anterior não chegue uma proposta patronal satisfatória. Dia 22 último patrões e empregados estiveram no DRT, onde os primeiros ofereceram 70% de aumento imediato, com mínimo de 13 mil cruzeiros e teto de 40 mil, com mais 20% de aumento em julho vindouro. A proposta foi em princípio aceita pelos seguritários, mas a decisão caberá à assembleia de segunda-feira. Avisam, entretanto, os dirigentes do

Sindicato dos Seguritários, que seus patrões não merecem confiança. Tal proposta poderá ser retirada, conforme já ocorreu de outras vezes. Nesse caso, a parede será automaticamente deflagrada e para isso todas as providências já foram tomadas: o fundo de greve está constituído, os piquetes estão prontos para entrar em ação e as diversas comissões já estão em pleno funcionamento. "Nenhuma proposta será aceita para estudos, sequer, se em bases inferiores a 70% de aumento imediato" — previnem os seguritários.

## Em passeata-monstro pelas ruas da Guanabara: «BARNABÉS» VÃO DIZER «NÃO» AO GOVERNO: 70 POR CENTO É A BASE DO AUMENTO!

Ganhará as ruas a partir de amanhã, sexta-feira, 25, o movimento do funcionalismo federal e autárquico por aumento de salários. Com falas e cartazes os "barnabés" das autarquias percorrerão as principais ruas do centro da Guanabara, queimando grande quantidade de foguetes a fim de despertar a opinião pública para as suas reivindicações.

A manifestação de amanhã terá também caráter de protesto contra o anunciado aumento de 40% que o Governo oferece aos seus servidores, e que vem insistentemente sendo anunciado pela imprensa como tática para testar a disposição de luta dos servidores públicos.

## CONCENTRAÇÃO

A partir das 17 horas de amanhã os "barnabés" com base na Guanabara começarão a se concentrar em frente à sede da Federação Carioca de Servidores, de onde marcharão incorporados para o Liceu Literário Português, onde realizarão grande assembleia geral para discussão da campanha do aumento de vencimentos, 13.º mês e outras reivindicações.

## REVOUÇÃO

Ganhou maior profundidade e entusiasmo a luta dos "barnabés" federais depois da reunião do Conselho de Representantes da Confederação dos Servidores Públicos do Brasil, realizada na Guanabara durante os dias 19 e 20 do corrente. Nesse encontro foi decidido, por unanimidade, manter a luta pelos seguintes pontos:

São os previdenciários os mais combativos entre os agrupamentos de funcionários públicos em luta por melhores vencimentos. Seus dirigentes prometem mobilizar todos os seus colegas para as grandes jornadas que se aproximam.

"O pessoal está tímido; espera apenas a ordem do comando" — disse um dirigente da União dos Previdenciários do Brasil.

Pugnando a reticência de ordem puramente burocrática, os jovens líderes previdenciários estão dispostos, inclusive, a apoiar para o recuo da greve, paralisando as atividades em todos os IAPs caso suas necessidades salariais não sejam satisfeitas pelo Governo.

o grupo mais valente e de atuação mais objetiva na campanha atual.

h) que nenhum servidor estadual perceba menos que o maior salário mínimo vigente no Estado;

i) que nenhum servidor municipal ganhe menos que o maior salário mínimo em vigor no Município;

g) que o salário-família seja reajustado para 4 mil cruzeiros;

f) 13.º vencimento, pago de uma só vez, antes do Natal, para todos os servidores;

e) pagamento dos adiantamentos por tempo de serviço, já em vigor para os servidores do Legislativo e do Judiciário;

## ESTRUTURA SINDICAL MODERNA EXIGE O RECONHECIMENTO DOS DELEGADOS DE EMPRESA

Para o dirigente sindical Benedito Cerqueira, "é falsa a estrutura sindical cujas raízes não penetram ou estão impedidas de penetrar no local do trabalho, nas fábricas, oficinas, estaleiros, etc."

As declarações do conhecido líder dos metalúrgicos (presidente do Sindicato dessa categoria profissional e diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), vêm a propósito do recente movimento dos operários navais da Guanabara e Estado do Rio, que foram à greve para defender três colegas, demitidos dos estaleiros da Ishikawajima.

Que alegaram os patrões para demitir aqueles operários? Que falta cometeram os três trabalhadores para contra eles ser desencadeada toda a potência da ira patronal?

"Falta de produção" foi o pretexto invocado pelos empregadores.

Para os trabalhadores entretanto, as razões de corte têm origem diferente: Dácio, Haroldo e Zé Carlos (os operários demitidos) eram, respectivamente, o delegado e os sub-delegados sindicais naquela empresa, cujos dirigentes não suportam ouvir falar de sindicato e, principalmente, de Sindicato dos Operários Navais.

## PROTEÇÃO NECESSÁRIA

Prosegue Cerqueira: "O próprio desenvolvimento do país exige uma reestruturação do organismo sindical dos trabalhadores, que não pode mais obedecer ao mesmo esquema de alguns anos atrás. Hoje, é impossível admitir-se sindicatos sem bases na empresa. Antigamente, quando nosso país ainda engatinhava industrialmente, e quase toda a nossa produção era de origem artesanal, o presidente ou diretores de um sindicato podiam centralizar suas atribuições, e exercer o mandato tratando direta e pessoalmente de tudo."

Mas hoje as coisas estão bastante mudadas — acentua.

Nossos Sindicatos têm milhares de associados. Os problemas destes com as

empresas, estas com o sindicato e da entidade com dezenas de pessoas e instituições, se diversificaram e se multiplicaram. Assim, surgiu a necessidade de delegar poderes a outros companheiros, de maneira a poupar tempo aos dirigentes sindicais, que têm questões mais complicadas para resolver.

Se isso já é uma realidade, por que não se dar ao delegado na empresa a mesma proteção hoje concedida aos dirigentes sindicais?

Nada mais justo que se estender ao delegado sindical a estabilidade provisória, hoje pacificamente concedida aos diretores de sindicatos.

Se não é pedir demais — acentua Benedito Cerqueira.

Com efeito, ninguém melhor que o delegado sindical, que conhece os seus colegas pelo nome, que sabe dos problemas de cada um, pode resolver os atritos diários e frequentes que surgem normalmente entre o patrão e os empregados.

Em virtude dessa proximidade com seus companheiros de trabalho, o delegado sindical tem mais facilidade para reclamar seus direitos. Exerce uma tarefa fiscalizadora quanto aos direitos do trabalhador.

"E não é pedir demais — acentua Benedito Cerqueira.

Com efeito, ninguém melhor que o delegado sindical, que conhece os seus colegas pelo nome, que sabe dos problemas de cada um, pode resolver os atritos diários e frequentes que surgem normalmente entre o patrão e os empregados.

Em virtude dessa proximidade com seus companheiros de trabalho, o delegado sindical tem mais facilidade para reclamar seus direitos. Exerce uma tarefa fiscalizadora quanto aos direitos do trabalhador.

Hoje, poucas empresas ainda teimam em dificultar ou em não reconhecer os nossos delegados. Quando o caso acontece, os operários passam o trabalho, como acontece ainda recentemente em três fábricas, na grande maioria delas, entretanto, temos os nossos representantes, cuja ação, livre e autorizada, poupa patrões e empregados de uma série de dissabores, colabo-

rando, inclusive, para a melhoria da produção.

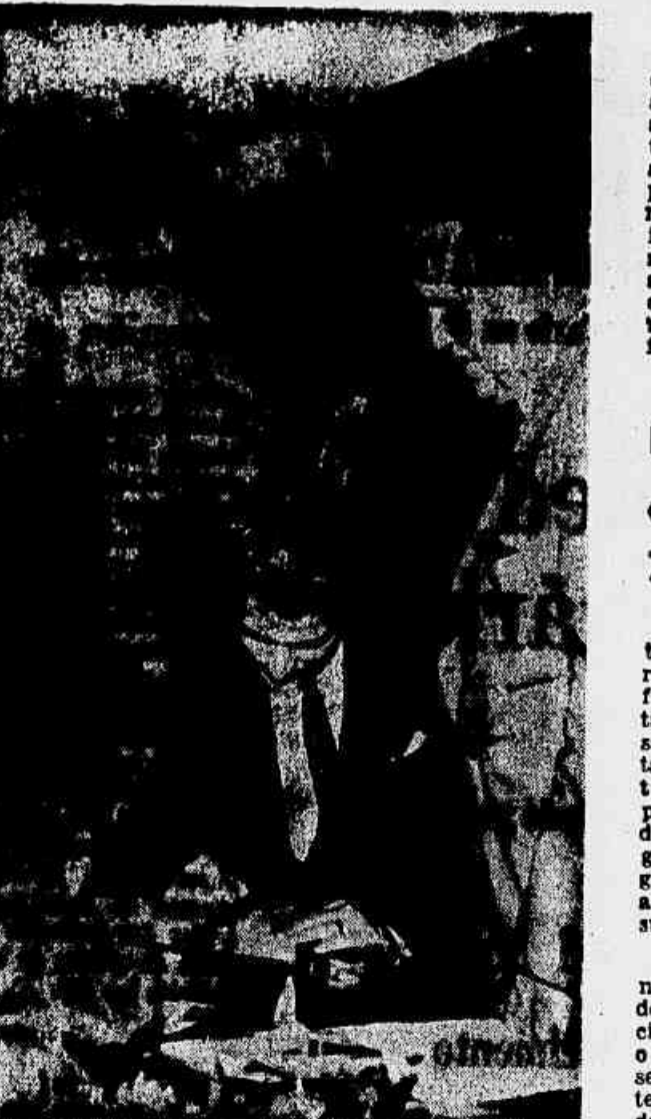
Atualmente, é difícil ouvir-se falar em demissão do delegado sindical dos metalúrgicos. Mas nem sempre foi assim. Já houve época em que o delegado era sumariamente demitido.

A LUTAR PROTEGE

## NOVOS RUMOS

União  
Oriundo Benfiam Júnior  
Diretor Executivo  
Fragmom Borges  
Redator Unice  
Luís Gasparino  
Verente  
Gutierrez Lavarelanti  
Reacção: Av. Rio Branco,  
237 17º andar N/118 - Tel:  
65-7344  
Gerência: Av. Rio Branco  
237, 17º andar N/118  
SUCUMAL 106 - PAULISTA  
Rua 15 de Novembro, 233  
5º andar N/201

ANUAL	1.500
Semestral	800,00
Trimestral	300,00
ABONATOS ANUAL	
ANUAL	1.500
Semestral	800,00
Trimestral	300,00
NÚMERO ABONADO	
ANUAL	1.500
Semestral	800,00
Trimestral	300,00
NÚMERO ABONADO	



## Ferrovários: nova diretoria da Federação

Foi empossada no dia 18, sexta-feira, a nova diretoria da Federação Nacional dos Ferrovários, integrada pelos seguintes trabalhadores: Raphael Martinelli, Geraldo da Costa Matos, Hamilton Moreira, João Batista Francisco e Luis Cláudio Braga Duarte. São suplentes Hugo Carneiro, Francisco de Assis dos Santos, José Lopes da Rocha, Benedito Ferreira Sobral e Cristiano Sorlete. Os membros efetivos do Conselho Fiscal são Ascendino da Silva Pina, Waldemar Festa e José da Cruz Vidal, e os suplentes, Artur Teixeira Moreira, José Emérito Costa e Paulo Ferreira da Silva. Foram eleitos delegados à Confederação: Antônio Duzdo, Demisthoclides Baptista, Cesário dos Santos e Francisco Pereira da Silva, efetivos; e Raphael Martinelli, Aristotélio de Miranda Melo, Sebastião Nascimento e Geraldo da Costa Matos, suplentes.

Na foto, Raphael Martinelli, quando assinava o termo de posse, tendo ao lado o sr. Graciano Magalhães, presidente da Rede Ferroviária Nacional.



Bond and Share e Telefônica

# lanques Impõem: 100 Bilhões Pela Encampação Para Conceder Créditos ao Governo

A capitulação do governo federal, concedendo um crédito de 1,3 bilhão de cruzeiros à Standard Elétrica, subsidiária da International Telegraph & Telephone Co., a título de compensação pela nacionalização da empresa telefônica de Porto Alegre, abriu caminho para outras negociações igualmente ruins ao país. Assim, volta a falar-se na encampação das empresas da Bond and Share e da Companhia Telefônica Brasileira (principal subsidiária da I.T.&T. no Brasil), mas nas condições ditadas pelas monopolistas lanques: a péso de ouro. O esquema seria o mesmo seguido no caso da companhia de Porto Alegre, isto é, o governo proporcionaria cruzeiros às matrizes lanques para serem investidos em outros ramos da economia no Brasil, principalmente na indústria.

Trata-se de saída profundamente lesiva aos interesses nacionais sob ambos os aspectos. Efetivamente, a encampação das empresas estrangeiras de serviços públicos ocupa um lugar de destaque entre as reivindicações formuladas pelo nosso povo e pelas forças democráticas e nacionalistas. Mas, encampação como? Pagando a péso de ouro velhos equipamentos e instalações? Fechando os olhos a toda sorte de fraudes, falcatruas e roubalheiras cometidas por essas empresas

ao longo de sua existência no Brasil? Claro que não. Os patriotas reclamam a encampação em termos justos, dentro dos critérios fixados pela nossa legislação e que foram o resultado de duras e penosas lutas travadas no passado. Exemplo dessas conquistas é o nosso Código de Águas, que está sendo miseravelmente desrespeitado nas transações criminosas realizadas ou em curso com os trustes americanos. A encampação reclamada pelos patriotas brasileiros é aquela a que se deve seguir o levantamento de físico e contábil dos bens, direitos e obrigações das empresas concessionárias dos serviços públicos, remunerando-se o capital realmente investido e não o capital agudo, levando-se em conta o saque praticado pelas empresas contra a nossa economia. Coisa, portanto, muito diferente do que o governo fez com a Standard Elétrica e se prepara para fazer em relação à Bond and Share e à Cia. Telefônica.

Em segundo lugar, o que parece ser um bom negócio, isto é, o pagamento de indenizações altíssimas para serem investidas em outras atividades aqui mesmo no Brasil, não passa de outro atentado aos interesses nacionais. Pondo de parte o fato de que isto representa verdadeiras doações de recursos públicos a empresas estrangeiras, a realidade é que com essas quantias iremos alimentar as forças, com as quais, mais cedo ou mais tarde, terá o povo brasileiro

de ajustar contas. Trata-se, portanto, de transferir o problema para o futuro — e não resolvê-lo, como exige o povo — e, além do mais, agravado.

**O QUE PEDE A BOND & SHARE**

Dos casos considerados pendentes pelo governo americano, e dos quais dependia a possibilidade de concessão de créditos ou do refinanciamento da dívida existente, os mais agudos seriam os de algumas subsidiárias da Bond & Share, uma vez que o da companhia gaúcha já foi "resolvido". São essas subsidiárias de Recife e Vitória, já encampadas pelos governos pernambucano e capixaba depois da realização do tombamento físico e contábil, nos rigorosos termos da lei. Além dessas, também a subsidiária da Bond & Share em Belo Horizonte foi objeto de tombamento, mas não está ainda definida a posição do governo mineiro em relação à mesma. Quanto às demais empresas pertencentes ao truste norte-americano em Salvador, Macaé, Natal, Curitiba e Niterói, acha-se em curso nas mesmas o processo de tombamento e é uma exigência da opinião pública que sejam as mesmas encampadas de acordo com as nossas leis.

Foi em face dessa situação, que há cerca de cinco meses a Elétrica Bond and Share Company (EBASCO) apresentou ao governo uma proposta para transferência à União de todos os serviços públicos de eletricidade e transporte, mediante uma indenização astronômica. Conforme denuncia-

mos na ocasião, a Bond and Share pretende, nem mais em dólares valor atribuído empréstimo do BIRD

em dólares	US\$ 154.000.000,00
em cruzeiros	US\$ 40.000.000,00

em cruzeiros empréstimo do BNDE

em cruzeiros	Cr\$ 40 bilhões.
--------------	------------------

A parte dos 154 milhões de dólares será paga em 15 anos, antecipando-se 10% no ato inicial do acordo. Além disso, a proposta da Bond and Share para entrega do "acervo" de suas concessionárias não compreende o valor do Passivo, o qual ainda ficará sob a responsabilidade da União... É em torno dessa proposta de saque de estrada que o governo não apenas admite discussões, como apresenta contraproposta...

**O QUE PEDE A TELEFÔNICA**

Quando a Companhia Telefônica Brasileira, subsidiária da I.T.&T., e já há meses sob intervenção do governo federal, está pedindo ao governo nada menos de 30 milhões de dólares de que dispõe na área do Rio-São Paulo-Belo Horizonte e adjacências. E da mesma maneira que na proposta da Bond & Share a União ficaria com o encargo das dívidas da Telefônica. Por fim, há neste caso ainda a agravante de que no caso da Telefônica não se tem conhecimento de que haja sido feito o tombamento físico e contábil, como mandam as nossas leis.

**E A LUTA CONTRA A INFLAÇÃO?**

Finalmente, resta uma indagação: de onde sairá o dinheiro para pagamento de somas tão fabulosas? No

caso da Bond and Share, calculando-se o dólar a 460 cruzeiros, chega-se à soma de cerca de 92 bilhões de cruzeiros; no caso da Telefônica, teríamos cerca de 13 bilhões de cruzeiros, perfazendo, no total, mais de 100 bilhões de cruzeiros. De onde irá o governo extrair? Nesse ponto, não se pode deixar de reconhecer que não se trata de nenhum investimento novo, de nenhum desenvolvimento, e, apenas, uma transferência de propriedades de um bem para outro. De onde irá o governo retirar tamanha fortuna? Irá desfalecer ou investir em outros programas? Irá desistir delas? Ou irá emitir esse dinheiro? Mas, nesse caso, em que ficam as alegações de necessidade de combate à inflação invocadas para suprimir os subsídios ao petróleo e ao trigo? E assim que o governo quer combater a inflação?

São perguntas que os patriotas têm o direito legítimo de fazer. E são mais uma razão para que as forças nacionalistas e democráticas, empenhadas na luta pela emancipação econômica e política do Brasil, se mobilizem para frustrar, para impedir, tão monstruosas negociações, na qual estão empenhados alguns dos mais descarados entreguistas deste país, com as bocas abertas, à espera de polpudas comissões.

Quando o 1.º sargento do Corpo de Bombeiros, Filomeno Soares de Andrade, terminou o seu discurso, feito dentro do espírito de luta de que se estava possuindo toda a assembleia, centenas de soldados levantaram-se de seus lugares e subiram ao palanque para abraçá-lo. Entre outras coisas, afirmou o sargento Filomeno: "Os sete sargentos e os demais candidatos democraticamente eleitos no último pleito vão tomar posse de qualquer jeito; legalmente com recursos do TSE e do STF, ou com greves e passeatas. Não temos a menor dúvida quanto à posse dos nossos candidatos, pois o verdadeiro poder encontra-se na mão dos sargentos. E nesta luta, além de estarmos imbrados aos operários, os sargentos da Aeronáutica e do Exército, igualmente a nós, somente irão ensanhar suas armas depois da vitória final."

Entre os numerosos oradores, destacaram-se o líder portuário Geraldo Rodrigues dos Santos, eleito deputado federal e um dos atingidos pela cassação de deputados federais Paulo Lopes e Adão Pereira Nunes, em nome da Frente Parlamentar Nacionalista, que congrega 125 parlamentares; e o sargento Clóvis Freitas, vereador na Câmara de Osasco.

# Povo Paulista Luta Pela Posse Dos Eleitos

**SÃO PAULO** (Da sucursal) Multiplicam-se em todo o Estado de São Paulo as manifestações contra a iníqua decisão da Justiça Eleitoral, que anulou os votos de centenas de milhares de brasileiros, visando impedir a posse dos deputados eleitos pelos trabalhadores e pelos sargentos. Ato público, comitês, telegramas, abaixo-assinados constituem esta primeira fase de protesto. Em todas as assembleias sindicais têm sido aprovadas moções de protesto contra a decisão do TSE. E os trabalhadores e o povo ligam também cada vez mais estreitamente esta luta à luta geral contra a carestia e pelas liberdades, contra o saque de que os políticos de carestia do governo e também contra os processos instaurados contra líderes operários e camponeses por defenderem os interesses de suas classes. Líderes sindicais e dirigentes das organizações de sargentos, cabos e soldados, apoiados vivamente por estudantes e intelectuais, estão formando uma estreita frente comum de luta que há de conquistar mais uma vitória — vitória que será de todos os brasileiros.

realizados na semana passada em Vila Maria, Vila Cecília e Vila Formosa. Centenas de populares manifestaram a decisão de prosseguir na luta para impedir o saque de que a justiça eleitoral pretende impor. Dirigentes sindicais, o vereador João Louzada, líderes populares desses bairros, o deputado eleito Geraldo Rodrigues dos Santos e o sargento Raimundo conclamaram os presentes a organizar comissões nos bairros e locais de trabalho a fim de coordenar o movimento em defesa do voto popular, movimento que está crescendo por toda parte, ligando também a luta contra a carestia e pelas reivindicações dos trabalhadores, das populações dos bairros e dos sargentos, cabos e praças da Força Pública, Guarda Civil, etc.

**ASSEMBLEIA DOS SARGENTOS**

"Não somos mais instrumentos dos poderes para massacrar e perseguir os trabalhadores e o povo quando estão em luta por seus legítimos direitos. Passou o tempo em que éramos utilizados para espancar o povo. Hoje estamos ao lado dos operários e camponeses de quem somos filhos e irmãos." Tais palavras, brilhantemente apiaudas pelo soldado Othello Werneck, presidente do Centro Social dos Cabos e Soldados da Força Pública, na assembleia, realizada no Centro Social dos Sargentos de F. P. em defesa da posse dos sargentos e demais candidatos legitimamente eleitos. A reunião, que contou com a presença de cerca de 1.000 sargentos, deputados federais, um representante do sargento Garcia e grande número de entidades de trabalhadores, efetuou-se no dia 16 do corrente em um ambiente de vibração indescritível.

Quando o 1.º sargento do Corpo de Bombeiros, Filomeno Soares de Andrade, terminou o seu discurso, feito dentro do espírito de luta de que se estava possuindo toda a assembleia, centenas de soldados levantaram-se de seus lugares e subiram ao palanque para abraçá-lo. Entre outras coisas, afirmou o sargento Filomeno: "Os sete sargentos e os demais candidatos democraticamente eleitos no último pleito vão tomar posse de qualquer jeito; legalmente com recursos do TSE e do STF, ou com greves e passeatas. Não temos a menor dúvida quanto à posse dos nossos candidatos, pois o verdadeiro poder encontra-se na mão dos sargentos. E nesta luta, além de estarmos imbrados aos operários, os sargentos da Aeronáutica e do Exército, igualmente a nós, somente irão ensanhar suas armas depois da vitória final."

Entre os numerosos oradores, destacaram-se o líder portuário Geraldo Rodrigues dos Santos, eleito deputado federal e um dos atingidos pela cassação de deputados federais Paulo Lopes e Adão Pereira Nunes, em nome da Frente Parlamentar Nacionalista, que congrega 125 parlamentares; e o sargento Clóvis Freitas, vereador na Câmara de Osasco.

**NOVA ASSEMBLEIA**

Cumprindo resolução da assembleia, os diretores da entidade dos sargentos vem desenvolvendo intenso trabalho no sentido de que não deixe de comparecer um só dos sargentos eleitos nos vários Estados, na assembleia, marcada para o próximo dia 26, às 14 horas, na sede do Centro Social dos Sargentos da Força Pública, à Av. Cruzeiro do Sul, 248. Quando redigimos esta nota, já estavam asseguradas as presenças dos sargentos Garcia Filho, da Guanabara, e Aimoré Zoch Cavallero, do Rio Grande do Sul.

**PETIÇÃO AO S.T.F.**

Centenas de assinaturas foram apostas a uma petição endereçada a Araraquara ao Supremo Tribunal Federal, solicitando que confirme os mandatos dos deputados eleitos por trabalhadores e sargentos no pleito de 7 de outubro. Assinam esse documento, entre outros: João Vergara Gonzales, presidente do diret. municipal do PTB; professor Fausto Castilho, lente de Filosofia da Faculdade de Araraquara; Francisco Neves, presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Araraquara; dr. Francisco de Assis Leite; Rubens Belardi; Luiz Lacerda Orlandi; Luis Lopes Filho; Expedito Antônio Lourenço; Júlio Malara Filho.

**Nota Econômica**

**José Almeida**

Embora a produção industrial em 1962 haja registrado um aumento em todo o mundo, relativamente ao ano precedente, persistem as características que distinguem esse incremento nos países do socialismo e na área capitalista. Nos primeiros, particularmente os da Europa, manteve-se elevada a taxa de expansão contínua, sem retrocessos, que é um traço marcante da economia socialista. Quanto aos países capitalistas, os dados conhecidos do primeiro semestre de 1962 consignam também um avanço, relativamente a 1961. Assim, no primeiro semestre do ano passado, de acordo com os dados publicados no boletim de novembro das Nações Unidas, a produção industrial de todo o mundo capitalista cresceu de 7% em comparação com o ano de 1961, enquanto neste último o incremento fôra de apenas 3%, relativamente a 1960.

Noticias aparecidas na imprensa européia e comentadas por jornais brasileiros dão conta de que as autoridades do MCE começam a elaborar medidas para fazer frente a uma possível crise ainda este ano.

Finalmente, no que diz respeito ao Japão, cuja economia apresenta uma série de peculiaridades — salários muito baixos, alto nível de importações, forte dependência dos mercados externos — o primeiro semestre de 1962 acusou uma sensível diminuição da taxa de expansão industrial, Calu de 22%, em 1961, para 15%, em 1962 (1.º semestre). Mesmo assim, trata-se de taxa muito elevada, o que se explica em parte pela implevosa exploração da grande reserva de mão-de-obra.

**A NOVA ESTRATÉGIA DOS COMUNISTAS**

Que mudanças importantes ocorreram depois da Segunda Guerra Mundial? Qual a influência, nos movimentos dos países socialistas, das ideias de Lênin e das ideias da classe operária? Como influíram todos esses fatores no estabelecimento de uma nova estratégia comunista? Esta é a temática abordada no artigo "A Plataforma revolucionária do movimento comunista internacional" no nº 11 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, e também nos Horários e em todos os jornais do país.

No mesmo número, artigos sobre a situação política do Brasil e sobre a herança atenuada dos comunistas portugueses no combate ao salazarismo. Agência e assinaturas: Rua da Assembleia 34, sala 204 — Rio: (GB).

**COMÍCIOS**

Obtiveram grande êxito os comícios a favor da posse dos candidatos dos trabalhadores e dos sargentos,

# Irmão de Kennedy "Veta" Funcionários Brasileiros

Todos se recordam das circunstâncias, humilhantes para o nosso País, em que Bob Kennedy, o irmão do presidente norte-americano, esteve há pouco em Brasília. Após o encontro ultra-secreto que teve com o sr. João Goulart, fez declarações à imprensa fazendo inúmeras observações sobre o Brasil e ditando as normas em que, segundo as mesmas, os países "civilizados" (nós não estamos nessa categoria) fazem encampações de empresas estrangeiras. A insolência do milionário e governante estadunidense provocou justa indignação, entre os patriotas brasileiros.

Agora, surgem nos jornais novas declarações de Bob Kennedy, feitas à imprensa norte-americana, ainda sobre o Brasil e a sua não desejada visita. O irmão de Kennedy faz, desta vez, revelações que são ainda mais revoltantes. Tem o cunho de afirmar que em seu encontro com o presidente Goulart foi discutido o pro-

blema de "certo número de importantes funcionários do Brasil que adotam uma atitude de prevenção contra os norte-americanos". É o cúmulo, como vemos os leitores. Então, é a um ministro norte-americano que cabe dizer ao nosso Governo quais os funcionários — isto é, os ministros, os diretores de empresas do Estado, etc. — que devem ou não devem ocupar determinadas postas? E que devem ou não devem segundo os interesses, não do Brasil, mas dos Estados Unidos? Onde estamos, afinal?

É muito fácil entender o que, de acordo com Kennedy — vale dizer, com os monopólios lanques — constitui em não atitudes de prevenção. Dirigir a Petrobrás, por exemplo, repellido os planos sabotadores de Walter Link e preconizando a ampliação do monopólio estatal do petróleo, é para eles, uma atitude de prevenção. Entretanto, permitir que em poucos anos percamos mais de um bilhão

de dólares em virtude da desvalorização de nossos produtos de exportação e não adotarmos medidas energéticas para fazer face a esse saque é, ainda para eles, uma "atitude de compreensão". Quando, portanto, os espoliadores lanques têm a audácia de reclamar contra funcionários "antiamericanos" o que eles querem, na verdade, é que o Governo coloque em todos os postos-chaves agentes seus, dispostos a traírem a Nação em proveito dos magnatas exportadores de café ou donos da indústria automobilística.

Alí está o que os Impetrialistas entendem por "melhorar as relações" com os Estados Unidos. Segundo suas próprias palavras (e seus interesses) a melhoria dessas relações é o aumento de nossa dependência. E a melhoria até de o governo brasileiro escolher os funcionários brasileiros.

E ainda existem canais que falam em "boa vizinhança".

Um dos fatos mais impressionantes foi o decidido apoio dos presentes quando o orador estava a explicar que não só os sargentos, mas também os candidatos dos trabalhadores, teriam que ser empossados. E não houve um só orador que fugisse a essa exigência.

Washington. Em 1961, as compras governamentais ultrapassaram a quinta parte do chamado produto nacional bruto, situando-se em 108,7 bilhões de dólares, dos quais mais de 45% referem-se a gastos militares. No primeiro semestre de 1962, as compras governamentais elevaram-se ainda mais, ascendendo à média anual de 115,8 bilhões de dólares. Entretanto, os problemas básicos da economia norte-americana — capacidade ociosa na indústria e debilidade relativa dos investimentos; altos índices de desemprego e o déficit na balança de pagamentos — persistem, sem maiores esperanças de solução.

Quanto à Europa ocidental, a pior situação é apresentada pela Inglaterra, cuja produção industrial, há dois anos seguidos, sidera apenas a indústria de transformação, registra-se, mesmo, um decréscimo, com mais de meio milhão de desempregados. Nos países do Mercado Comum Europeu, aos quais tocam 86% da produção industrial da Europa continental capitalista, o aumento verificado no primeiro semestre de 1962 caiu à metade do de 1961, ficando nos 3%. Além de certa queda na produção da indústria metalúrgica, outro fato significativo na economia do MCE é que diferentes índices mostram haver chegado ao fim o chamado "milagre alemão", desde 1961. As perspectivas para 1963 na Alemanha ocidental não são alentadoras, mas pessimistas.

Noticias aparecidas na imprensa européia e comentadas por jornais brasileiros dão conta de que as autoridades do MCE começam a elaborar medidas para fazer frente a uma possível crise ainda este ano.

O aumento ocorrido na produção industrial capitalista em 1962 deve-se essencialmente à recuperação da economia norte-americana, e cansando depois da crise de 1960/61. No conjunto do mundo capitalista, a proporção da participação dos Estados Unidos e Canadá na produção industrial é da ordem de 47%. Por isso, uma melhoria como a verificada em 1962, quando a produção da indústria lanque cresceu de 10% (três primeiros semestres) em comparação com o incremento de 1% havido no ano anterior, repercute fortemente no quadro mundial. Conforme reconhecimento expresso das autoridades norte-americanas, na moderação e brevidade da crise de 1960/61 tiveram grande influência as compras maciças feitas pelo governo de

dentro e de fora do país. Bilhões de cruzeiros são entregues todos os anos aos fazendeiros de café. Mas o governo não corta esse subsídio que não interessa ao povo; corta, sim, o subsídio que contribua para que se pudesse comer o pão a um preço um pouco mais razoável ou para que o transporte não fosse aumentado desmedidamente. Outros bilhões continuam sendo entregues às companhias de navegação aérea, que registram lucros elevadíssimos, na realidade à custa do povo. Outros bilhões são pagos aos norte-americanos para acalmar os protestos da I.T.&T. contra a justa medida de desapropriação da Companhia Telefônica do Rio Grande do Sul pelo governador Brito. Ao mesmo tempo, os preços mínimos decretados pelo governo para o algodão e o amendoim não passam do papel. A Sanbra e a Anderson Clayton negam-se a comprar oficialmente e mandam oferecer preços muito abaixo dos fixados pelo governo através de intermediários. Centenas de milhares de arrendatários e sítios abandonados pelo governo estão sendo vítimas de novo saque.

Enquanto isso, as empresas estrangeiras continuam remetendo seus lucros, dividendos, royalties, etc. para fora do país; a encampação das empresas estrangeiras que operam serviços públicos é sempre adiada; nenhuma medida concreta de controle do comércio exterior é tomada para impedir a constante queda dos preços dos nossos principais produtos de exportação.

Contra essa política, os trabalhadores e o povo de São Paulo vêm manifestando, unindo lutas e preparando lutas ainda mais vigorosas. As centenas de greves com as quais trabalhadores de diversas categorias obrigaram patrões a pagarem o 13.º salário é uma demonstração desse estado de espírito das massas, de revolta contra a carestia, de sua disposição de fazer valer seus direitos.

As estatísticas oficiais indicam que em dezembro registrou-se uma alta de 8 a 10% no custo de vida, nas diversas regiões do país. E isso antes destas medidas de carestia tomadas pelo governo. O que acontecerá em janeiro? O que virá em fevereiro? É evidente que os trabalhadores não estão dispostos a esperar que seus contratos salariais expirem para só então exigir reajustamentos. Os aumentos não estão anulando apenas as conquistas do fim do ano, estão decretando a fome fiscal nas casas dos trabalhadores e das pessoas do povo. O borborinho que vai pelas fábricas, as lamentações das donas-de-casa tendem a transformar-se rapidamente numa ação rápida e unida contra a carestia, por melhores condições de vida.

Esta luta dos trabalhadores e do povo por melhores condições de vida está es-



# Togliatti: Fidelidade Aos Princípios e Autonomia de Cada Partido, Bases da Unidade Dos Comunistas

Em novembro e dezembro do ano passado realizaram-se na Bulgária, Hungria, Tchecoslováquia e Itália, congressos dos partidos comunistas e operários desses países. Nestas assembleias, além dos problemas relacionados com a política interna de cada partido, foram tratadas algumas importantes questões relacionadas com a estratégia e a tática do movimento comunista internacional no momento atual. A política de coexistência pacífica e de defesa da paz, as questões relacionadas com as divergências surgidas no movimento comunista internacional, os caminhos da revolução estiveram no centro das manifestações dos comunistas búlgaros, húngaros, tchecos e italianos.

Procurando levar aos seus leitores uma visão mais ou menos ampla do que foram os debates travados nos congressos daqueles partidos, NOVOS RUMOS inicia hoje a publicação de diversas intervenções e trechos de relatórios apresentados pelos dirigentes comunistas de numerosos países naqueles certames.

## SOCIALISMO E CAPITALISMO NA CENA INTERNACIONAL

Registrou-se nos últimos anos, particularmente na Europa ocidental e de forma mais marcantes nos países que foram derrotados na última guerra, uma expansão das forças produtivas, uma notável renovação e progresso dos processos técnicos e, como resultado, um aumento da produção e da renda nacional, a ritmos em alguns casos bastante rápidos. Isso não nos espanta. Nenhum marxista jamais acreditou no fim do capitalismo através da destruição automática ou de uma permanente estagnação econômica.

O atual desenvolvimento econômico do Ocidente figura no quadro daquele avanço por ciclos, de modo desigual e em saltos, que é característica das economias capitalistas. Nenhuma revolução econômica, por conseguinte, nenhuma mudança da natureza do sistema, mas um desenvolvimento que confirma as leis da evolução do próprio sistema. Acompanhado da derrocada do colonialismo, este desenvolvimento é tal que coloca diante de todo o mundo capitalista problemas novos bastante agudos. Criaram-se de fato desequilíbrios e contradições profundas, enquanto toda a hierarquia de grande e potência econômica entre os vários países tende a sofrer modificações substanciais. A expansão das

forças produtivas e o próprio progresso técnico tendem a acentuar o caráter coletivo, social da produção, enquanto a este se opõe a concentração da propriedade e do poder econômico nas mãos dos grandes grupos monopolistas.

Esses estão se tornando cada vez mais poderosos e pretendem dispor, no seu interesse, para resolver problemas que hoje já não podem mais ser resolvidos no âmbito de uma só administração, do poder e do aparelho do Estado, que dessa maneira é levado a assumir funções novas e cada vez mais amplas na direção da vida econômica. A contradição fundamental de todo o sistema se torna dessa maneira mais aguda e mais evidente, enquanto que em cada país radicalmente se as condições de luta de classes. A classe operária tem diante de si o Estado, sobre cujo terreno deve saber mover-se e com quem deve ajustar as contas.

O processo de integração econômica, parcial e em parte realizado em seis Estados da Europa e que tende a estender-se tanto na Europa ocidental como no mundo fora dela, nesta situação, um novo traço característico do imperialismo na sua fase atual. Acompanha esse processo e esforço no sentido de dar vida a um novo sistema colonial, que permita continuar a explorar os velhos territórios co-

loniais, respeitando formalmente a existência de novos Estados livres. Já no relatório ao IX Congresso, reconhecemos que a integração econômica é uma tendência objetiva da economia capitalista no presente, em virtude do caráter internacional cada vez mais marcante, seja da expansão das forças produtivas, seja de todos os processos da economia. Os efeitos danosos que previamos para o nosso País verificaram-se apenas no campo da agricultura; entretanto, comprovou-se como inteiramente justa e atual a nossa denúncia do Mercado Comum Europeu como centro de um domínio ainda maior dos grandes monopólios capitalistas, como instrumento de acentuação do desenvolvimento monopolístico também no nosso País e como obstáculo real e sério às reformas democráticas da estrutura econômica que hoje se impõe.

Ademais, o Mercado Comum tende, sob o estímulo do imperialismo norte-americano e a direção do bloco político militar franco-alemão, a tomar o caráter de organização subsidiária do bloco atlântico. Tornar-se instrumento não de uma verdadeira unidade entre os povos, mas o aprofundamento da fratura atualmente existente e obstáculo a uma política de coexistência pacífica e de paz. A própria extensão dos mercados que ele proporciona a alguns países tem como contrapartida o obstáculo à expansão das relações comerciais em todas as direções e particularmente em relação aos países socialistas, dos quais procura retardar o desenvolvimento.

Estas profundas transformações tiveram graves repercussões na vida social e política. Na maior parte dos países ocidentais, os operários conseguem defender o seu nível de existência graças unicamente a duras e contínuas lutas e ao movimento de povos em luta para conquistar a liberdade e abrir o caminho para a edificação de sociedades novas. No curso dos últimos anos, novos milhões de homens romperam as cadeias da opressão colonial. A guerra da Argélia terminou com a vitória completa do heróico povo argelino. A bandeira da liberdade e do socialismo é vitoriosamente levada às próprias fronteiras dos Estados Unidos, na ilha de Cuba.

os chamados planos de programação de que falamos os governantes são acompanhados pela exigência, em formas diversas, do congelamento da remuneração dos operários. Opõe-se a realidade mais tenaz a qualquer esforço das organizações operárias de afirmar o seu poder na fábrica, para controlar eficazmente todas as partes do salário e para participar na direção da vida econômica.

No âmbito das relações políticas, vai-se afirmando a tendência para a restrição e liquidação das liberdades democráticas e a passagem para regimes autoritários, conservadores e de reação social. Na Europa capitalista, os países onde subsistem regimes fascistas, isto é, a Espanha, Portugal e a Grécia, deve-se acrescentar, como países onde as liberdades democráticas estão sendo paulatinamente liquidadas, a Alemanha e a França. Na Alemanha, onde floresce o velho espírito militarista e pulsam as organizações nazistas, existe de fato um regime policial apenas mascarado. Na França, a falência dos tradicionais partidos burgueses e da social-democracia criou um vácuo, que é tomado hoje por um cesarismo de novo tipo, máscara do domínio incontrolável do grande capital monopolista.

Fora da Europa, todo o continente latino-americano é uma zona onde não existem, a não ser por exceção, regimes de democracia e liberdade popular. Nos próximos países do chamado terceiro mundo nota-se um deslocamento para a direita, como se dá na Índia, por exemplo, e em outros lugares. As medidas tomadas contra o movimento comunista fazem parte desse perigoso deslocamento para a direita.

Este é hoje, em linhas gerais, o quadro que nos oferece o mundo capitalista. Mas, a ele se opõe o quadro de um vasto e imenso movimento de povos em luta para conquistar a liberdade e abrir o caminho para a edificação de sociedades novas. No curso dos últimos anos, novos milhões de homens romperam as cadeias da opressão colonial. A guerra da Argélia terminou com a vitória completa do heróico povo argelino. A bandeira da liberdade e do socialismo é vitoriosamente levada às próprias fronteiras dos Estados Unidos, na ilha de Cuba.

Se voltarmos os olhos para o extraordinário campo dos países socialistas, o quadro com que nos defrontamos é o de uma marcha ininterrupta para a frente, da consolidação, do progresso econômico e político. Os ritmos de desenvolvimento econômico são, em média, superiores três vezes ao do mundo capitalista. A União Soviética, superada a fase da ditadura do proletariado, transforma-se num Estado popular, no qual se coloca a nova grande tarefa da construção das bases econômicas materiais de uma sociedade comunista. O novo programa que o Partido Comunista da União Soviética aprovou no seu XXIII Congresso é o programa desta construção, que com tanto interesse e entusiasmo foi acolhido pelas massas trabalhadoras e por todas as forças progressistas da humanidade. Este programa é o resultado de grandiosas vitórias econômicas e políticas de sucessos definitivos conquistados em todos os campos da construção socialista.

Até ao tempo, o programa abre uma perspectiva fascinante, não só pela extraordinária expansão que prevê, das forças produtivas, como pela solução que concretamente anuncia das relações entre o homem e a organização da sociedade. É uma solução de liberdade, e não somente porque se baseia na abolição da exploração econômica, mas porque coloca o desenvolvimento livre e multiforme da pessoa humana no centro de toda a vida social.

A passagem da União Soviética para esta nova fase de edificação econômica e social constitui um poderoso fator de reforçamento de todo o sistema de Estados socialistas; aumenta a possibilidade de ajuda recíproca; acelera o inevitável processo de aproximação e integração econômica destes Estados, no pleno respeito da independência e personalidade de todos, até a adoção de um plano econômico socialista internacional, prelúdio e primeira etapa da divisão racional do trabalho em escala internacional, que é o objetivo do socialismo.

A acentuada orientação conservadora e reacionária dos grupos dirigentes burgueses mais diretamente ligados ao grande capital monopolista e a sua agressividade constituem sem dúvida uma tentativa para enfrentar este avanço firme do socialismo e do comunismo no mundo. Mas, deve-se duvidar da eficácia dessa tentativa. Verifica-se, hoje de fato, no próprio mundo capitalista, um impulso no sentido de transformações estruturais e reformas de caráter socialista que se relaciona com o próprio progresso econômico e com a nova expansão das forças produtivas. Este impulso é tal que coloca em crise definitiva e líquida as concepções liberais, que negavam ao Estado qualquer espécie de iniciativa e intervenção na vida econômica. Os conceitos de planejamento e programação da economia considerados em certa época uma prerrogativa socialista, são hoje discutidos e aceitos de forma cada vez mais ampla. Também na doutrina social da Igreja Católica, que sempre foi conservadora e ligada a concepções retrógradas, inclusive pré-capitalistas, concede-se hoje um lugar a estes conceitos e a suas tarefas de natureza econômica do Estado.

Naturalmente, planejamento e programação não aceitam, seja por esta doutrina, como pelos grupos dirigentes burgueses, com um objetivo evidente de conservação do sistema capitalista através de medidas de racionalização em escala nacional e também internacional. Isso não impede que tudo que vem ocorrendo constitui um sinal de amadurecimento das condições objetivas da passagem do capitalismo para o socialismo. O capitalismo monopolista de Estado, que é o aspecto moderno do regime capitalista em quase todos os maiores países, é aquela etapa — afirmou Lênin — além da qual, para avançar, não há outra saída que o socialismo. Mas, dessa necessidade objetiva é preciso fazer surgir um movimento consciente.

O avanço para o socialismo é, por conseguinte, a tarefa que se apresenta hoje nos países de capitalismo desenvolvido. Não é uma tarefa fácil, já que o avanço deve se verificar em condições diversas das que se verificaram nos países cuja economia era ainda predominantemente agrícola e cuja estrutura política ignorava freqüentemente as instituições democráticas. Conseqüentemente, faz-se necessária uma pesquisa e uma linha de ação que comportem não somente uma aplicação, mas o desenvolvimento, o enriquecimento da nossa doutrina. É necessário conhecer cada vez melhor a realidade de toda a vida social para conseguir construir, em contato estreito com as massas trabalhadoras, os instrumentos necessários para transformá-la.

Nos últimos documentos do movimento operário e comunista internacional, que são a resolução e o apelo de paz de novembro de 1957, a resolução da Conferência dos 81 partidos em 1960, assim como o documento aprovado pelos representantes de 17 partidos europeus em Roma, em 1958, estão contidas notáveis indicações gerais e práticas para a solução deste problema. Na mesma direção orientam-se os trabalhos e as declarações de numerosos partidos comunistas.

Como problema central permanece aquilo de estabelecer uma estreita ligação orgânica entre a luta pela democracia e a luta pelo socialismo. É nosso objetivo defender as instituições democráticas, fazer da democracia a causa da classe operária, concluir as massas populares e se mobilizarem e a lutar contra qualquer tentativa de degeneração reacionária, autoritária, derrotar através da luta das massas todas as tentativas de libertar a Europa dos remanescentes regimes fascistas e ao mesmo tempo tarefa nossa desenvolver a democracia, dar às instituições democráticas um conteúdo econômico e social adequados às condições atuais.

Nisto reside o valor das reformas da estrutura econômica, das nacionalizações, das tentativas de planejamento e programação estatal. Levá-lo a Estado a colocar-se sobre este terreno é também para nós coisa positiva, desde que paralelamente este elemento democrático, e não somente nas formas tradicionais do debate público, mas como reivindicação de instâncias de controle e direção democráticas, tais que permitam a classe operária e aos trabalhadores de todas as categorias intervir para fazer da intervenção do Estado um instrumento de luta contra o poder do grande capital, para atingir, finalmente, o domínio

dos grandes grupos monopolistas.

Pode-se dessa maneira abrir as perspectivas de uma democracia de novo tipo, de uma democracia renovada, com o diem os nossos camaradas franceses, que não é outra coisa senão uma etapa mais elevada da luta para criar uma sociedade nova, baseada no trabalho, na justiça social e na paz. Mas é uma perspectiva que não pode ser realizada a não ser através de um vasto movimento e lutas unitárias da classe operária e de toda a população trabalhadora.

Os partidos social-democratas, que entre as duas guerras e no período da guerra fria, foram partidos governantes e muitas vezes partidos de maioria na classe operária, não conseguiram jamais estabelecer e traduzir em atos uma perspectiva concreta de avanço para o socialismo. Em seqüência disso, perderam a confiança das massas populares e cederam lugar a forças conservadoras e reacionárias. Esta foi a derrota de uma política oportunista e conservadora, que rompia a unidade das forças operárias e populares.

Mas a classe operária da Europa ocidental tem a sua palavra para dizer na batalha pela paz e pelo socialismo.

## PELA UNIDADE DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

Existem hoje, no mundo, 42 milhões de comunistas, organizados em mais de 90 partidos. É uma rede que se estende a todos os países civilizados, um exército de mililhões da causa do socialismo e da paz. É um fato que enche de orgulho principalmente aqueles que, desde o início, participaram da criação deste grande movimento e sabem quantas lutas tiveram de ser sustentadas, quantos inimigos a combater, quantas dificuldades a superar nas nossas próprias fileiras para alcançar este grande resultado.

Mas o avanço deve continuar porque não cada vez mais importantes e graves as tarefas que estão diante de nós. É a consciência desta necessidade que nos leva a um exame objetivo de todo o nosso movimento, dos seus pontos fortes e também das debilidades e dos problemas que ainda devemos resolver.

Os partidos operários e comunistas constituem, numa grande parte do mundo, imponentes e sólidas organizações políticas de massas, tanto nos países em que exercem o poder como nos países capitalistas. Travaram grandes batalhas, contribuíram efetivamente para todas as lutas contra a reação, pelas reivindicações vitais dos trabalhadores, pela liberdade e a independência dos povos. O desenvolvimento do nosso movimento foi, porém, nos últimos decênios, desigual. Os centros de gravidade se deslocaram. Este fato não nos surpreende. É necessário saber compreender as razões objetivas e ver também nisto a prova de que nosso movimento é coisa viva, que não tem limites na sua expansão. Mesmo nos lugares onde ainda não conseguiram assumir o caráter de organização de massa, os partidos comunistas abrigam a melhor parte das classes trabalhadoras, os elementos mais decididos, o núcleo de vanguarda consciente das tarefas históricas da classe operária e capaz de aperfeiçoar o instrumento útil para realiza-las.

Consideramos de notável importância o fato de que nos países dominados pelo fascismo, na Espanha em primeiro lugar, em Portugal e na Grécia, partidos comunistas fortes conduzem uma luta de tal amplitude, como jamais se conseguiu realizar sob os regimes de Hitler e Mussolini, à frente da classe operária e em contato com todas as camadas da população. Acompanhamos com grande interesse a ampliação e o reforçamento dos partidos comunistas na América Latina, nos Estados agora livres da Ásia e da África, nos países ainda sujeitos ao regime colonial.

Estão presentes a este nosso XX Congresso 63 camaradas estrangeiros, representantes, creio de 33 partidos comunistas e operários. A todos estas camaradas endereçamos uma saudação fraternal, em nome não só do nosso Partido, mas de todos os trabalhadores italianos que têm sentimento de classe e espírito internacionalista. Agradecemos-lhes por terem vindo partilhar

o nosso trabalho e de crítica fraternal, não poderá jamais levar a que cada um de nós deixe de ser julgado também sobre a base daquilo que os comunistas fazem em outros países. A unidade deve ter por base a fidelidade aos princípios da nossa doutrina, como foi afirmado nos documentos das últimas reuniões internacionais de 1957 e 1960, e o reforçamento da solidariedade internacional proletária. Não se pode lutar pelo socialismo e pela paz a não ser sobre a base desta solidariedade, que é, para nós e para quem quer que se diga comunista e socialista, um princípio indelével. É no âmbito desta solidariedade que se devem ser debatidas fraternalmente as questões que podem ser controversas entre nós, mas o debate deve ser conduzido com seriedade e alto espírito de responsabilidade.

Nada tem de comum com um debate entre comunistas a campanha que vem sendo conduzida pelos dirigentes do Partido Albanês do Trabalho, tomando como pretexto a divergência que se manifestou também com os camaradas chineses, a propósito do valor da luta pela coexistência pacífica e por uma paz permanente. Os dirigentes albaneses transformaram o debate numa campanha de calúnias e insultos, dirigida contra todo o movimento comunista e em particular contra os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética. Esta campanha é inadmissível, provocadora e danosa também para quem a conduz. Fingindo ser dirigida contra o revisionismo, na realidade ela se reduz à defesa de um dogmatismo sectário, que enche a boca com grandes frases pseudo-revolucionárias, enquanto ignora as tarefas reais que se colocam perante a classe operária e as suas vanguardas a fim de avançar para o socialismo na democracia e na paz. Os dirigentes albaneses rechaçam a crítica do mito de Stalin, isto é, rechaçam aquela que foi nos últimos tempos a moeda principal do desenvolvimento de nosso pensamento e de nossa ação. Afirmando querer conduzir um ataque frontal contra o imperialismo, rechaçam a luta de massas pela paz e a coexistência pacífica, que é a forma atual de luta contra o imperialismo. Em altas vozes proclamam-se internacionalistas, mas o seu internacionalismo, consiste em atacar as justas posições elaboradas coletivamente pelo movimento comunista, tentar desagregar as fileiras deste movimento, romper a sua unidade e destruí-la, dessa maneira, a sua eficácia.

Uma saudação particular ao camarada Frol Kostov, membro efetivo do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Encarregamo-lo de levar esta nossa saudação e os nossos cumprimentos a todos os camaradas dirigentes do grande Partido de Lênin e em particular ao seu secretário, o camarada N. Kruschov. Queremos incumbir o camarada Kostov de dizer aos dirigentes soviéticos que, se é verdade que nas fileiras do nosso Partido e do movimento operário italiano é necessária e indispensável a destruição do artificial e antimarxista mito de Stalin suscitou reações dolorosas de sentimentos e amplos debates, isto ocorreu porque os laços do nosso movimento com o primeiro Partido que venceu a Revolução e construiu a sociedade socialista foi sempre e é particularmente estreito, substancial, vital. Se hoje existem militantes operários que compreendem inteiramente o valor destas decisões do XX e do XXII congressos e apelações a importância enorme e decisiva para os destinos da revolução, da obra de renovação conduzida pelo CC do PCUS, por iniciativa e sob a direção do camarada Kruschov, entre estes os comunistas italianos estão nas primeiras filas.

Desejo dirigir uma saudação particular também aos representantes do Partido Comunista Francês, cujas lutas estão estreitamente ligadas às nossas. Alegramo-nos pelo sucesso eleitoral e político, de enorme importância para as lutas futuras, que os comunistas franceses obtiveram nas recentes consultas às urnas. Esses resultados provaram a todos que a causa da liberdade e da renovação democráticas constitui um passo à frente na luta pela unidade da classe operária e das forças democráticas, que será vantajoso para todos nós.

O problema principal com que hoje nos defrontamos é o da unidade do nosso movimento. Temos a necessidade de dela em virtude da seriedade das tarefas que nos esperam e também em virtude da dureza dos golpes dirigidos contra nós pelos inimigos e adversários, prontos para a especulação e a provocação diante de qualquer manifestação de nossas divergências. Mas, devemos compreender que a unidade, hoje, se alcança e se mantém de forma diferente das situações que se verificavam em outras situações. A própria extensão do movimento e a diversidade das condições em que se verifica o avanço para o socialismo impõe uma articulação baseada não na centralização, não na existência de imposíveis centros internacionais ou regionais, mas na autonomia de decisão de cada Partido. Isto faz crescer a nossa responsabilidade diante de nossos próprios partidos comunistas, porque a nossa autonomia, se nos permite a liberdade de jul-

gamento e mesmo de crítica fraternal, não poderá jamais levar a que cada um de nós deixe de ser julgado também sobre a base daquilo que os comunistas fazem em outros países. A unidade deve ter por base a fidelidade aos princípios da nossa doutrina, como foi afirmado nos documentos das últimas reuniões internacionais de 1957 e 1960, e o reforçamento da solidariedade internacional proletária. Não se pode lutar pelo socialismo e pela paz a não ser sobre a base desta solidariedade, que é, para nós e para quem quer que se diga comunista e socialista, um princípio indelével. É no âmbito desta solidariedade que se devem ser debatidas fraternalmente as questões que podem ser controversas entre nós, mas o debate deve ser conduzido com seriedade e alto espírito de responsabilidade.

Nada tem de comum com um debate entre comunistas a campanha que vem sendo conduzida pelos dirigentes do Partido Albanês do Trabalho, tomando como pretexto a divergência que se manifestou também com os camaradas chineses, a propósito do valor da luta pela coexistência pacífica e por uma paz permanente. Os dirigentes albaneses transformaram o debate numa campanha de calúnias e insultos, dirigida contra todo o movimento comunista e em particular contra os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética. Esta campanha é inadmissível, provocadora e danosa também para quem a conduz. Fingindo ser dirigida contra o revisionismo, na realidade ela se reduz à defesa de um dogmatismo sectário, que enche a boca com grandes frases pseudo-revolucionárias, enquanto ignora as tarefas reais que se colocam perante a classe operária e as suas vanguardas a fim de avançar para o socialismo na democracia e na paz. Os dirigentes albaneses rechaçam a crítica do mito de Stalin, isto é, rechaçam aquela que foi nos últimos tempos a moeda principal do desenvolvimento de nosso pensamento e de nossa ação. Afirmando querer conduzir um ataque frontal contra o imperialismo, rechaçam a luta de massas pela paz e a coexistência pacífica, que é a forma atual de luta contra o imperialismo. Em altas vozes proclamam-se internacionalistas, mas o seu internacionalismo, consiste em atacar as justas posições elaboradas coletivamente pelo movimento comunista, tentar desagregar as fileiras deste movimento, romper a sua unidade e destruí-la, dessa maneira, a sua eficácia.

Uma saudação particular ao camarada Frol Kostov, membro efetivo do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Encarregamo-lo de levar esta nossa saudação e os nossos cumprimentos a todos os camaradas dirigentes do grande Partido de Lênin e em particular ao seu secretário, o camarada N. Kruschov. Queremos incumbir o camarada Kostov de dizer aos dirigentes soviéticos que, se é verdade que nas fileiras do nosso Partido e do movimento operário italiano é necessária e indispensável a destruição do artificial e antimarxista mito de Stalin suscitou reações dolorosas de sentimentos e amplos debates, isto ocorreu porque os laços do nosso movimento com o primeiro Partido que venceu a Revolução e construiu a sociedade socialista foi sempre e é particularmente estreito, substancial, vital. Se hoje existem militantes operários que compreendem inteiramente o valor destas decisões do XX e do XXII congressos e apelações a importância enorme e decisiva para os destinos da revolução, da obra de renovação conduzida pelo CC do PCUS, por iniciativa e sob a direção do camarada Kruschov, entre estes os comunistas italianos estão nas primeiras filas.

Desejo dirigir uma saudação particular também aos representantes do Partido Comunista Francês, cujas lutas estão estreitamente ligadas às nossas. Alegramo-nos pelo sucesso eleitoral e político, de enorme importância para as lutas futuras, que os comunistas franceses obtiveram nas recentes consultas às urnas. Esses resultados provaram a todos que a causa da liberdade e da renovação democráticas constitui um passo à frente na luta pela unidade da classe operária e das forças democráticas, que será vantajoso para todos nós.

O problema principal com que hoje nos defrontamos é o da unidade do nosso movimento. Temos a necessidade de dela em virtude da seriedade das tarefas que nos esperam e também em virtude da dureza dos golpes dirigidos contra nós pelos inimigos e adversários, prontos para a especulação e a provocação diante de qualquer manifestação de nossas divergências. Mas, devemos compreender que a unidade, hoje, se alcança e se mantém de forma diferente das situações que se verificavam em outras situações. A própria extensão do movimento e a diversidade das condições em que se verifica o avanço para o socialismo impõe uma articulação baseada não na centralização, não na existência de imposíveis centros internacionais ou regionais, mas na autonomia de decisão de cada Partido. Isto faz crescer a nossa responsabilidade diante de nossos próprios partidos comunistas, porque a nossa autonomia, se nos permite a liberdade de jul-

Lutar contra o revisionismo e o dogmatismo significa desenvolver de fato a nossa doutrina, através de novas iniciativas, novas experiências, novas conquistas.

As decisões do XX Congresso impulsionaram grandemente este desenvolvimento. É necessário manter firmemente estas declarações e fazê-las avançar. Não se deve temer a denúncia de erros cometidos no passado — denúncia acompanhada, seja da correção dos erros, seja do estudo preciso das

## Teoria e Prática

### Apelo de Carvalho

(Pergunta do leitor Raul Varela, de Ponta Porã, Mato Grosso)

A análise desta questão tem uma base de partida clara e concreta: a etapa atual da revolução brasileira e o caráter de época em que vivemos. A primeira exige a liquidação do latifúndio e da exploração imperialista; a segunda, a abertura da democracia e abre o caminho para o desenvolvimento capitalista no país. A segunda é uma etapa qualitativamente nova — a transição do capitalismo ao socialismo — e marca o crescimento do sistema socialista, o aguçamento dos antagonismos de classe e o avanço do movimento democrático e operário através do mundo.

A revolução brasileira guarda, pois, na etapa presente, seu caráter ant imperialista e antifascista. Suas tarefas, em conseqüência, respondem aos interesses de uma ampla e poderosa frente de forças sociais, em cujo centro estão as grandes massas trabalhadoras: a classe operária, os camponeses e intelectuais, o conjunto das classes e camadas médias urbanas. A burguesia ligada aos interesses nacionais é parte integrante dessas forças. Tem contradições abertas e crescentes com o imperialismo e o latifúndio — e não pode desenvolver-se de maneira efetiva e ampla, sem a eliminação. Sua experiência, suas posições na vida econômico-financeira e no aparelho de Estado, sua influência sobre amplos setores da população conferem-lhe um lugar destacado entre as forças nacionais e democráticas. Todos esses fatores laboram, sem dúvida, em favor de um desenvolvimento capitalista, apoiado nas possibilidades internacionais existentes e em nossos imensos recursos naturais.

A burguesia nacional aos interesses nacionais tem, porém, uma segunda face: é parte integrante das classes dominantes em nosso país. Guia-se, portanto, por seus interesses fundamentais de classe exploradora — e estes a vinculam ao sistema capitalista em seu conjunto. Tem, assim, um duplo caráter: sua posição face aos latifundiários e aos monopólios estrangeiros define-se por contradições que se aguçam — e também, por interesses comuns. Procura defender seus interesses através de choques com aquelas forças de atraso — e, também, através de acordos e concessões. Procura apoiar-se nas massas populares, na luta contra o inimigo comum: mas teme sua ação independente, e o ascenso do movimento de massas e sua conversão em revolução popular. Daí, as limitações de seu programa de reformas que já não visam a eliminar a propriedade latifundiária e a dominação imperialista no país — mas procuram apenas restringir seu campo de ação. Daí, seus objetivos na política de aliança com as forças populares: amainar os antagonismos que se agravam, amoldar a seus interesses de classe as transformações inevitáveis, desviar as massas trabalhadoras do caminho da revolução. Essa duplicidade impede-o de participar da luta nacional democrática com os mesmos objetivos e na mesma medida que o conjunto das forças

## "QUAIS OS LIMITES DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA?"

populares. A burguesia ligada aos interesses nacionais revela-se, assim, incapaz de encabeçar uma luta revolucionária: pelas transformações ant imperialistas e anti latifundiárias, maduras em nossa vida social.

Ora, isso se passa num momento em que a crise nacional de estrutura é o centro de todas as contradições que se aguçam; e em que cresce e influencia a classe operária na vida política do país e no conjunto das forças populares e progressistas, elevam-se a consciência e a organização das massas camponesas, avoluma-se a indignação das camadas médias, acoçadas pela inflação. Esses fatores novos laboram, sem dúvida, em favor de um desenvolvimento não-capitalista — e com tanto mais força quanto mais claro se torne o caráter antipatriótico e antipopular da política conciliadora da burguesia ligada aos interesses nacionais.

A perspectiva de um desenvolvimento capitalista ou não-capitalista aparece, assim, condicionada ao desenvolvimento e à influência das forças de classe que compõem a frente nacionalista e democrática. Ora, a burguesia não é, nesse conjunto, a força mais numerosa, nem a mais conseqüente, nem a mais interessada em soluções profundas e radicais. Ao contrário: é a mais redunda em efetivos, a mais vacilante, a mais interessada em limitar os efeitos da revolução. Sua situação de força hegemônica coincidiu, até agora, com a estreiteza relativa da base social do movimento nacionalista. A partir, porém, de agosto de 1961, essa situação tende a modificar-se, a ritmos acelerados, à medida que novas camadas da população trabalhadora se incorporam à ação política na luta pela legalidade, pelas reformas de base, pela emancipação nacional.

Assim se esboça, nas fileiras da frente única, um contínuo crescimento das massas camponesas e das camadas médias urbanas e pelo avanço de sua aliança com a classe operária, sob a bandeira das reformas profundas exigidas por nosso desenvolvimento social. Esta nova composição de classes tende a abrir caminho à hegemonia do proletariado, na medida em que seu impulso revolucionário e suas aspirações chocam com a duplicidade, a inconseqüência, a tendência à conciliação e ao compromisso da burguesia ligada aos interesses nacionais.

Os limites de um desenvolvimento capitalista parecem estar, assim, condicionados à evolução da frente única e de seu conteúdo social, sob o afluxo e o predomínio crescente das massas trabalhadoras que são suas forças fundamentais.

Com essa evolução e com essa nova base social em desenvolvimento cresce também outra perspectiva: a de um desenvolvimento diferente, não-capitalista, capaz de levar mais rapidamente a seu termo as tarefas de revolução nacional e democrática — e assim, sem salto de etapas, aproximar a marcha para o socialismo em nosso país,



# A Arte da Grande Verdade

Nicolai Tcherkázov

Neste artigo, aparecido em "Pravda" (12-1-1963), como parte das comemorações do centenário do grande teatrólogo russo Constantin Stanislávski, este nome ressoante nos é conhecido há muito tempo. Tcherkázov, o criador de Ivan, o Terrível, "Oleio", "Dom Quixote". Recentemente, Nicolai Tcherkázov esteve no Brasil. Neste breve artigo sobre o eminente mestre do teatro estão expressas também as ideias criadoras de Tcherkázov.

As vésperas do centenário do nascimento do grande renovador do teatro russo, Constantin Serguéievitch Stanislávski, muito freqüentemente me vem ao pensamento nos primeiros anos de seu trabalho na cena. Minha geração de atores teve a sorte de viver a época do apogeu do mais desabrigado formalismo. Como isto sou hoje estranho! Mas nos comecemos a década de 20 difundiam-se seriamente os apelos dos formalistas extremados a acabarem com o Teatro de Arte, em torno dele colar metralhadoras.

Por que nega-lo? Muitos de nós, jovens, partilhávamos então os lemas de pseudo-inovação dos formalistas e em nossas pesquisas criadoras considerávamos necessário chegar à cena com a cabeça — tanto em sentido literal como figurado. Que dano irreparável acarretaria à arte cênica russa se triunfasse no teatro essa insensata palhaçada que subtrai a arte da verdade da vida, da luta pelas grandes ideias.

Considero uma enorme felicidade para mim, imediatamente depois de terminar o Instituto de Teatro, ter tido a oportunidade de trabalhar no Teatro de Leningrado dos Jovens esperado-

res (TIUZ), sob a direção de A. Brântsey — ardoroso discípulo de Stanislávski. Ele havia convidado para o TIUZ os seus alunos do Teatro de Arte. Seus conselhos nos ajudavam, a nós jovens a encontrar o caminho certo — o caminho dos artistas da verdade.

Um papel inestimável nestas pesquisas desempenhou o estudo do sistema de Stanislávski, baseado nas melhores tradições do teatro realista russo, nas tradições de Púchkin e Gógol, de Schépkin e Ostrovski, de Tchekhov e Gorki, na generalização criadora da experiência de toda uma plêiade de eminentes atores de talento.

Tinha para mim que as bases do sistema de Stanislávski residem no próprio talento do verdadeiro ator. Ao observar o magnífico desempenho de Ekaterina Korcháguina Alexandrovskii no palco de nosso Teatro Acadêmico "Púchkin", mais de uma vez eu pensava: ali está o sistema de Stanislávski em ação. Ocorria que nós, jovens, perguntávamos à mestra da cena: "Como você representa, tia Katia?" E ela nos respondia: "Eu mesma não sei. Mas a compreensão intuitiva das grandes leis do realismo se

havia tornado insensível somente a um alguns grandes talentos. E já naqueles anos nós compreendíamos que ao nosso teatro de Leningrado não bastavam os grandes conjuntos de atores: era muito larga a distância entre os artistas principais e o grupo restante.

Hoje, observo com satisfação: no curso dos últimos vinte e poucos anos essa distância foi superada. Em nossos teatros formaram-se valorosos conjuntos artísticos dotados de grande maestria e talento multifórmes. A manifestação é claramente a influência benéfica de Stanislávski no teatro soviético.

De há muito, bebíamos sequiosos a palavra de Stanislávski estudávamos atentamente a experiência de seu trabalho, particularmente valiosa eram para nós suas lições práticas. Uma das mais importantes impressões artísticas de minha vida foi a sessão do Teatro de Arte de Leningrado, em 1928. Ainda tenho diante de meus olhos, como se fosse hoje, a figura de Stanislávski no papel de Gáiev na peça "O Jardim das Cerejeiras". Recordo os seus gestos, sua entonação, cada movimento seu. E não devo esquecer outros grandes mestres que participavam de seu espetáculo: Moskvin, Gribúnin, Olga Knípper Tchekhova, Leonidov, Katchalov, Lúski e a então jovem Tarásova. Eles subjugavam o público com a arte da grande verdade artística. A cortina subia dezenas de vezes, sob os aplausos dos que recamavam a presença de Stanislávski.

Nos nossos atos vive seu principal legado: lutar por um teatro de ideias, por sua indissolúvel ligação com o heróico de nossa contemporaneidade, por que a arte reflete os problemas espirituais dos contemporâneos, que constroem uma nova vida. Stanislávski trabalhou pela arte das grandes ideias dos grandes sentimentos e dos importantes problemas sociais. Eu não compreendo

lábri. Naquela dia ele ficou muito mais perto de nós, do que os homens que escrevem as primeiras letras do alfabeto da maestria artística e como ator que a encarnava num espetáculo admirável.

Algum tempo depois, se iniciar meu trabalho no cinema, combati de perto os atores do Teatro de Arte: Tarkhánov, Livánov, Tarásova, Topórkov e outros. Em contatos criadores com eles, muitos de nós, eu inclusive, muito aprendemos, penetramos mais profundamente as leis descobertas por Stanislávski.

Que enorme importância teve para toda uma geração de atores soviéticos sua colaboração com os discípulos de Constantin Serguéievitch! Foi verdadeiramente a cunha para levar à prática o método do realismo socialista em nossa cena. Ao compreender profundamente a vida do povo, ao levar à cena a fisionomia de nossos contemporâneos, os combatentes pelo comunismo, afirmando no coração dos homens as leis humanistas do ódio moral dos construtores do comunismo, apoiávamo-nos, em nossas pesquisas, na herança de Stanislávski.

Em nossos atos vive seu principal legado: lutar por um teatro de ideias, por sua indissolúvel ligação com o heróico de nossa contemporaneidade, por que a arte reflete os problemas espirituais dos contemporâneos, que constroem uma nova vida. Stanislávski trabalhou pela arte das grandes ideias dos grandes sentimentos e dos importantes problemas sociais. Eu não compreendo



Constantin Stanislávski, o criador da doutrina do moderno teatro, cuja obra é mundialmente conhecida e estudada. (Desenho do artista soviético Iar-Kravtchenko.)

a criação de papéis sem um profundo pensamento filosófico, sem grandes ideias. É inerente ao nosso teatro, à dramaturgia soviética, a paixão pelo pensamento profundo e o rigor do laceramento na forma. Atuar lacerantemente, pensar apaixonadamente! Assim eu definiria esta regra do nosso teatro, uma das artes preferidas do povo soviético.

As massas populares, os trabalhadores das cidades e dos campos, é que não podem concordar com a continuação de semelhante privilégio político. A massa estudantil, sempre generosa e apaixonada, sente-se cada dia mais identificada com as lutas operárias e camponesas, tomando igualmente posição decidida contra as camarilhas que manipulam a seu bel-prazer a máquina política dominante. E a classe operária, que forma a camada mais esclarecida e organizada das massas, coloca-se consequentemente à frente delas na batalha democrática pela liquidação do odioso privilégio, já definitivamente condenado pela história. Explicar-se portanto a sua intervenção direta e ativa no processo político, visando à solução dos problemas nacionais, como um acontecimento natural, necessário e já agora irreversível. Tanto mais que se trata de uma intervenção de profundo alcance democrático, de interesse geral do povo brasileiro.

A dramaturgia soviética contemporânea deu grandes

passos à frente. E quanto mais peças valiosas ela produz, tanto melhor poderemos criar espetáculos que entusiasmem e encantem o público, impregnando-as dos elevados ideais do comunismo.

## Conto de Página Olhos olhando

Naturalmente, deve-se olhar muito para o chão, para os lados, para o alto; o perigo pode vir de qualquer ponto, chamar-se automóvel e até lambreta, como pode, também, vir de um escorregão numa casca de banana ou naquelas pedrinhas — sempre uma mulher, moça ou velha, pode ficar presa. O salto alto entra num dos vãos das pedrinhas e a queda é certa. O andar de cabeça erguida tão aconselhável não pode ser levado à prática tanto que o perigo, está no chão.

Olha-se para os lados; há sempre mendigos e entre eles, de causar dó aquelas mulheres que exibem crianças sujas, famintas, desgrenhadas, como se a sujeira fosse necessária à caridade. Quando vai haver um governo que proíba definitivamente o emprego da criança na mendicância? Dirão que a mãe ou o pai podem fazer do filho o que quiserem. Mas está certo isso? Olhem para os lados e em vários batentes, em escadas, no chão, há mulheres com crianças na vassoa, duas ou três, exibindo miséria e pedindo dinheiro. Como acabar com isso?

Outro dia — foi ontem — e havia muito sol. Olhei e vi uma dessas ceras capazes de transformar meu dia em amargura. Um homem moreno, forte, descaído, gordo, cruco que bebido, queria à toda força tomar um ônibus. De onde apareceu aquele guarda também moreno e forte, não sei. Mas o local não era permitido a quem quer que fosse tomar sua condução. E o que foi o cassete do guarda virar no ar e cair, muitas, várias, muitas vezes no corpo do homem descaído. Era uma pancadaria inexplicável, o homem querendo reagir mas sem forças, enquanto pelo seu rosto corriam lágrimas, de dor com certeza, de vergonha, talvez. Não vi o final da história, mas o mais impressionante é que ninguém protestou, vários olhavam, comentavam mas com os outros sem que pensassem em — pelo menos — pedir ao guarda que não batesse mais naquele homem, tão desgraçado.

Não se pode andar nas ruas sem olhar, e olhando sentir não apenas a beleza da paisagem, mas também a desgraça sóia, a miséria e a crueldade de homens usando cassetes contra homens descaídos e — creio — bêbedos. Muito cuidado com os sinais de trânsito, respeito-os, dizem anúncios e cartazes da Inspetoria de Trânsito. Mas deviam dizer também, muito cuidado com a tristez que sentirá olhando as crianças esmorecidas, as desgraçadas crianças brasileiras. Muito cuidado também com as pedrinhas que levam os saltos dos sapatos e com os cassetes que podem cair, erradamente sobre suas (nossas) cabeças.

Olhar é sempre muito perigoso.

# «O Movimento Sindical no Brasil»

Astrojildo Pereira

A Editorial Vitória acaba de lançar uma obra que se torna necessária e já agora indispensável: "O Movimento Sindical no Brasil", de autoria de Jover Teles. E, pode-se dizer, um trabalho pioneiro no gênero em nosso país, um livro destinado ao grande público e particularmente aos trabalhadores, cuja ação é cada vez mais importante em todos os domínios da vida nacional. Transcrevemos, a seguir, o prefácio de Astrojildo Pereira ao livro de Jover Teles.

Grande e variado interesse possui este livro de Jover Teles sobre o Movimento Sindical Brasileiro. Suas páginas apresentam considerável soma de dados e indicações acerca das lutas operárias em nosso País, principalmente durante os anos de 1946 a 1962, que assinalam um período de ascensão do movimento. São dados e indicações quase sempre colhidos diretamente no fogo da luta ou dedução da experiência vivida; seu estudo será de grande proveito, não apenas para os ativistas sindicais ou os militantes políticos, mas também para quantos se preocupam com a nossa história social.

A maneira de introdução, o capítulo inicial do volume constitui um esboço histórico do movimento operário brasileiro desde suas primeiras manifestações, em meados do século passado; são os antecedentes das dias de hoje — marcos de uma já longa caminhada, uma história de lutas crescentes, travadas em condições difíceis, duras, a que não faltaram lances heróicos, que são um patrimônio de honra do proletariado brasileiro. Essa evocação histórica justifica-se por si mesma: ela nos mostra que as lutas de classe resultam da própria estrutura social existente e se desenvolvem passo a passo com o próprio desenvolvimento da sociedade, refletindo os seus avanços e recuos, e ao mesmo tempo influindo sobre o seu curso.

Como capítulo final do volume, encontra-se o discurso que o autor teve oportunidade de pronunciar, quando era deputado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 1946, discurso no qual descreveu sua condição de operário das minas de São Jerônimo, onde trabalhou desde os 11 anos de idade, onde fez seu terrível aprendizado de vítima da exploração capitalista e onde forjou sua temperança de combatente proletário. Mas a nota autobiográfica do discurso tem por objetivo unicamente impregnar de indelével autenticidade as denúncias que então levantou, perante o público, acerca do brutal sistema de exploração e opressão dos trabalhadores, vigente em São Jerônimo sob as vistas complacentes e interessadas de sucessivos Governos.

num crescendo constante. É um período extremamente rico de ensinamentos, durante o qual se ampliam e se intensificam as lutas de classe, e destas, precisamente, nos traça o autor um panorama vivo, em quadros sucessivos, o que nos permite acompanhar a marcha e a ascensão do movimento. Os dados estatísticos relativos às greves são a este respeito muito significativos, mostrando como e porque se agravam de mais em mais as lutas de classe operária: são greves provocadas sobretudo pelo desenfreado aumento da carência, portanto por condições de vida objetivamente insustentáveis; mas são greves que também demonstram o grau crescente de combatividade e organização dos trabalhadores.

E neste ponto precisamente é que as páginas deste livro nos transmitem a sua lição mais importante: a de que a força e a capacidade de luta da classe operária se afirmam e crescem à medida que o princípio da unidade sindical se fortalece como princípio básico de toda a sua organização e orientação. A unidade é a-b-c da tática proletária, é o fundamento da ação de massas, é a chave da vitória, é a consolidação das conquistas alcançadas. Nem é por outro motivo que o patronato e a reação, aqui e em toda a parte, se empenham a fundo na tarefa de impedir, dificultar ou quebrar a unidade de combate da classe operária, lançando mão, para tanto, dos métodos mais diversos, como sejam a mentira do "sindicato livre", a palavra "democracia", a calúnia anticomunista, o sentimento religioso, o incentivo à traição, e principalmente a corrupção em larga escala, direta ou indireta. Para isto, só para isto, para dividir e debilitar a classe operária, é que existem a CIOEL e a ORIT, agindo evidentemente por conta do imperialismo norte-americano, com sucursais e agentes a seu serviço em todos os países capitalistas.

Par a par com os dados relativos às greves, há ainda neste livro copiosa soma de dados econômicos e financeiros sobre o desenvolvimento industrial do País, em suas conexões com o processo inflacionário, os lucros e superlucros das empresas, a carência, etc., acentuando o autor o papel nefasto que representa em tudo isso o capital estrangeiro imperialista, com a sua máquina insaciável de exploração das nossas riquezas e do nosso trabalho. E nesse conjunto de dados

econômicos e financeiros que se encontra a motivação objetiva do movimento grevista em ascensão no País.

Por outro lado, basta a enumeração de tais dados para deixar claro que as lutas sustentadas pela classe operária contra a carência e por sucessivos aumentos de salários não possuem caráter meramente econômico. São lutas que logo adquirem caráter político, e que no contexto da situação brasileira atual não raro se desenvolvem com um sentido extremamente político. O que é fácil de compreender, visto que as causas imediatas das lutas por aumento de salário, é produzida por um complexo de fatores ao mesmo tempo econômico e político, ou melhor — em que os fatores econômicos e políticos se entrelaçam e influenciam uns sobre os outros, formando um todo econômico-político indivisível.

Justamente por isso é que os sindicatos operários, ao lutarem por suas reivindicações econômicas, são levados a formular simultaneamente uma série de reivindicações de caráter político. Em suas assembleias profissionais, locais, regionais e nacionais, como em seus documentos reivindicatórios e programáticos, os itens econômicos e políticos aparecem lado a lado, em formulações que se entrosam e se completam. E como é no fogo da luta que as massas fazem o seu aprendizado político, ao mesmo tempo que se eleva dia a dia o seu nível político, a sua compreensão, não só dos problemas particulares e imediatos, como também dos problemas de ordem geral, que interessam a toda a Nação. A greve geral de 5 de julho último constitui uma significativa demonstração deste fato. Foi a primeira grande greve política de âmbito nacional, já deflagrada no Brasil, assinalando a presença na arena política do País de

uma força independente, cujo poder de decisão tem de ser levado em conta — a classe operária organizada e consciente dos seus objetivos. Ora, seu êxito se deve não apenas à capacidade organizada e combativa dos sindicatos operários, mas sobretudo ao grau de amadurecimento político já atingido pelos trabalhadores brasileiros. Consideremos porém que tanto a capacidade organizativa e combativa como o amadurecimento político não são fenômenos que surjam da noite para o dia, por efeito de algum milagre ou toque de magia; resultam, pelo contrário, de anos e anos de luta e experiência, de permanente esforço pela ampliação e reafirmação das organizações sindicais, sua unidade e sua capacidade de ação. Nas páginas deste livro encontra-se uma brilhante comprovação de tudo isso, inclusive fazendo-nos sentir, a cada passo, o que tem sido o papel de vanguarda de e o empenhado pelos comunistas no movimento operário.

A propósito da greve geral de 5 de julho, cabe aqui um comentário a certas opiniões que sobre ela emitiram conhecidos portavozes dos círculos reacionários. Segundo tais opiniões, cheias de ódio e também de medo, não compete aos sindicatos operários "inscurrir-se" nas questões políticas que agitam o País. O que equivale a afirmar-se que a política é um privilégio das classes dominantes, matéria privativa das cúpulas partidárias e dos grupos econômicos, da chamada elite intelectual e da alta hierarquia eclesástica, dos experts cavalheiros da indústria anticomunista e dos vigaristas do terrorismo ideológico. Para essa gente, os sindicatos, os operários, os trabalhadores, os camponeses nada têm a ver com a política. Os estudantes também não. A função do sindicato é colaborar com os patrões, e do

operário e do empregado é trabalhar, e do camponês é cavar a terra do latifundiário. A do estudante é cavar o canudo de doutor para vir a servir à ordem reinante, ocidental e cristã, supervisionada pelo bom homem da Casa Branca. Tal o pensamento corrente nos círculos reacionários.

Examinem-se de perto os documentos, manifestos e declarações, transcritos neste livro, principalmente aqueles que as organizações sindicais dirigiram à Nação a partir de janeiro último até a greve de 5 de julho: são documentos de mais alta significação, nos quais sentimos palpitar uma autêntica mensagem política, transmitindo ao povo o pensamento maduro e o programa prático que a classe operária propõe para a solução imediata dos mais candentes problemas brasileiros da hora presente. E

a verdade é que este pensamento e este programa permanecem de pé, sua validade confirmando-se plenamente em meio às agravações e a sucessão das crises que afligem o País. Só não compreende isso quem vê as coisas pela superfície, ou então quem deliberadamente não quer ver nada, com a cabeça de avestruz enterrada na areia do desespero.

Não é meu propósito aqui analisar ou comentar os diversos aspectos do livro de Jover Teles. Isto escaparia aos limites de simples prefácio, que pretende apenas chamar a atenção do público para a importância deste volume, trabalho honesto e meritório de um operário comunista em por cento integrado, desde muito jovem, nas lutas do proletariado e do povo. Se meus comentários incidirem de preferência sobre dois ou três pontos, é que esses, por sua atualidade e seu alcance, me parecem realmente os mais relevantes no conjunto da obra.

## Ajuda a NOVOS RUMOS

- Moradores da Guanhara (Rio-GB) ... 1.800,00
- Um amigo (Rio-GB) ... 3.000,00
- Um amigo da CMT (São Paulo-SP) ... 500,00
- José Caidas (Rio-GB) ... 800,00
- Amigos de Frutal (Minas) ... 2.400,00
- F. G. Maranhão (Belo Horizonte-MG) ... 800,00
- Trabalhador da Usiminas (Ipatinga-MG) ... 800,00
- Jorge Napomuceno Duarte (Cantagusa-SP) ... 400,00
- AJUDA A VISTA DO CAMPONÊS PEDRO TEIXEIRA (São Paulo-SP) ... 800,00

## Aos companheiros trabalhadores de petróleo do Sindicato na Indústria de Destilação e Refinação de Duque de Caxias

Os SINDICATOS abastecidos, liderando o Movimento Sindical de Minas Gerais, sob a liderança de seu IV CONGRESSO, vêm, através desta mensagem, trazer seu posicionamento frente ao problema da PETROBRAS na atual conjuntura.

Para conhecimento dos companheiros e Movimento Sindical de Minas Gerais, este momento, e sua decisão de posição de defesa dos cinco itens inscritos na DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS aprovados na II CONVENÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO, em 16 de agosto de 62.

Jamais abdicaremos da existência de uma política nacionalista e progressista no nosso grande e firme monopólio estatal da PETROBRAS, a maior conquista do Povo Brasileiro.

Aos companheiros reafirmamos a disposição de nós mantermos unidos e capazes de tomar qualquer atitude em defesa do monopólio estatal da PETROBRAS.

APOIAMOS A ADMINISTRAÇÃO DO PROFESSOR FRANCISCO MANGABEIRA, que marcha no caminho certo de defesa dos legítimos interesses nacionais, principalmente quando se dispõe, decididamente, pelo MONOPÓLIO INTEGRAL, que garantirá com os recursos da Petroquímica e Distribuição, manter o seu ritmo de pesquisa e lavra. Sem sabemos que, por isso mesmo, os interesses feridos dos grandes trustes, muitas vezes mencionados com seus brasileiros, tentam derrubar e atual Administração, impedindo o indispensável continuidade administrativa. Por isso, estamos firmes ao lado dos demais trabalhadores de todo o país, pela manutenção de Administração Mangabeira e esperando, também, a nomeação para o Ministério de Minas e Energia de um autêntico nacionalista, de absoluta confiança do Povo Brasileiro.

Per intermédio do representante dos companheiros de Petróleo, Gentil Pereira de Costa, cuja visita esperamos ser renovada com o objetivo de incrementar nossa Unidade e trazer os rumos de nossa luta comum em GRANDE VITÓRIA, enviamos nossa saudação fraterna!

(Seguem-se as assinaturas dos representantes dos Sindicato dos Aeroviários, Sindicato dos Têxteis, Sindicato dos Aeronautas, Federação das Indústrias Extrativas de Minas Gerais, Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte, Federação dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas de Minas Gerais, e outras.)

Belo Horizonte, 12 de janeiro de 1963.

# VAIS BEM, FIDEL

Regina Montana

De Cuba chegam até nós através das páginas do livro de Jurema Finamour — VAIS BEM, FIDEL — as vozes do povo cubano falando-nos de sua Revolução. Não procura Jurema analisar as transformações estruturais trazidas pela Revolução? Preferiu ela focalizar como estas transformações foram recebidas pelo povo e como ele participou delas. E o romance da Revolução, não apenas uma visão jornalística. Um romance em que os personagens nos contam o que foi a Reforma Agrária, a Reforma Urbana, a Reforma Universitária, a Campanha de Alfabetização e tudo mais que realizaram.

possa realizar todas as suas potencialidades, e tornar-se verdadeiramente humano. Jurema nos mostra como este grande ideal do movimento comunista através dos tempos concretiza-se na pequena ilha. Ela vem preencher uma grande curiosidade de todos os que se sentem oprimidos e lutam por uma vida melhor: "Como é o homem de um povo em Revolução? Como se sente o homem desta nova sociedade? E mais livre? E mais feliz?" São muitos os depoimentos que Jurema colhe a respeito: "Parece um sonho até hoje — o fato de estar adquirindo sua casa, com apenas 5% do que ganhava, ela e o marido...". "Falam das possibilidades que surgem às jovens pobres, antes criadas do miséria. Querem ler-me a Miramar, o bairro dos ricos que foi entregue por Fidel aos jovens estudantes, filhos de camponeses. Lembram que a discriminação racial foi abolida e as pessoas negras são aproveitadas em tarefas que nunca lhes foi permitido."

Assim vai Jurema explicando de forma tocante e viva — porque é a voz do próprio povo — os principais problemas relativos à Revolução, e destruindo os principais argumentos contra a Revolução. Ela focaliza os problemas mais discutidos: o problema religioso, os fuzilamentos, os contra-revolucionários, a liberdade do povo, sua satisfação: "Nossa luta é grande, mas o cubano está disposto a dar a vida pela Revolução. Não tenha a menor dúvida que produziremos açúcar como jamais se produziu em Cuba. Sabemos que o açúcar é nosso e o venderemos a quem nos apoiar. Acabarão-se os tempos de submissão. Nossa produção está liberada, nossa pátria livre."

Jurema incoerente, no entanto, em um excesso em seu entusiasmo por Fidel. Não podemos negar o significado e a importância de Fidel para a Revolução Cubana. Além disso os entusiastas por seu líder. No entanto, algumas vezes sentimos que este excesso de entusiasmo obscurece a sensibilidade, sempre tão aguçada de Jurema, para o aspecto principal do problema de que está tratando. E perde ela também um certo limite de objetividade que deve manter aquele que se faz intérprete de algum fato, principalmente quando este fato não é o de um homem realizando grandes feitos mas de todo um povo em plena manifestação de seu papel histórico.

Mas se neste aspecto o excesso de entusiasmo de Jurema é um defeito, torna-se, por outro lado, sua grande qualidade, pois faz com que ela possa sentir e transmitir com a maior autenticidade a vibração do povo cubano na grande tarefa que está empenhado.

Como bem expressou Leonel Brisola, em seu prefácio, "em meio a esse turbilhão de angústias, frustrações e sofrimentos, assistimos o irromper da Revolução Cubana (refere-se às injustiças sociais na América Latina). Um fato novo na vida da América, e de transcendental importância para todo o Continente. Seja qual for a opinião que se tenha sobre seus dirigentes, a evolução e os rumos que tomou, ninguém poderá deixar de reconhecer o seu significado e, inclusive, aprender suas lições. Admito que a Revolução Cubana possa ser motivo de constante controvérsia. Mas o que não é possível discutir é a sua autenticidade como expressão de um genuíno impulso de libertação do povo cubano, que vejo o livro da escritora Jurema Finamour. E mais ainda como inestimável contribuição ao debate e ao conhecimento da realidade que precisamos, urgentemente, compreender, nas suas causas e origens. É um livro que, com sinceridade, simpatia e calor humano, cumpre este objetivo."



Esporte que fez curso de liderança sindical de "Aliança"

# «Sindicalismo Nos EUA é Ponta de Lança Patronal Entre os Trabalhadores»

**BELO HORIZONTE (Da sucursal)** — Para fazer um curso de liderança sindical, a convite da Agência de Desenvolvimento Internacional, órgão coordenador da "Aliança Para o Progresso", esteve nos EUA o tesoureiro do Sindicato dos Empregados em Edifícios e Canteiros de Belo Horizonte, sr. Geraldo Serrão Pinto.

De volta dos EUA, Geraldo Serrão, que lá esteve 73 dias, juntamente com mais cinco companheiros de outros Estados do Brasil, concedeu entrevista a NOVOS RUMOS, abordando principalmente os problemas dos trabalhadores norte-americanos e o sindicalismo que lá é feito, além de outros aspectos da vida nos EUA.

## O CURSO DO SINDICALISMO

— Como foi o curso de liderança sindical que v. fez nos EUA?

— O curso propriamente dito foi em Washington, onde ficamos cerca de 20 dias, constando de conferências sobre o movimento sindical norte-americano e sua história, e sobre assuntos relativos aos EUA: geografia, história, legislação, "Aliança Para o Progresso", etc. A maior parte do tempo foi gasta em visitas a fábricas, fazendas, universidades, museus e repartições públicas de dez cidades dos EUA. Estranhamente, só visitamos um sindicato nos EUA: o Sindicato dos Costureiros de Nova York, em prédio de oito andares, todos ocupados por seus departamentos. Não assisti a nenhuma assembleia de sindicato nem senti a massa de seus filiados; só me mostraram a cúpula dos sindicatos: a AFL-CIO. De sindicalismo, vi pouco e o pouco que vi fez-me chegar à conclusão de que não é tão fácil aprender sindicalismo conosco.

— Mais detalhadamente, qual a impressão que v. teve do sindicalismo nos EUA?

— O sindicalismo nos EUA não passa de uma cúpula conservadora controlada pelo governo. Os trabalhadores verdadeiros não chegam jamais a dirigentes sindicais. Estes permanecem nas direções 30 ou 40 anos. O dirigente sindical de menos tempo na direção de sua

organização que conheci nos EUA tinha nove anos de presidente. Eles dizem que as eleições são feitas democraticamente e com grande participação de filiados, mas eu tive a impressão de que a grande massa de trabalhadores não atua. Evidentemente, existem exceções: os sindicatos designados da AFL-CIO são atuantes e tachados de comunistas por causa disso. O Sindicato dos Estivadores, liderado por Rabridas, é um deles. Os outros estão reduzidos a simples condições de contratadores de empregos, pois nos EUA até o emprego do indivíduo é arrumado pelo sindicato, que recolhe renda considerável assim, como agência. Atualmente, os americanos querem fundar no Brasil um Instituto de Sindicalismo Livre, para estabelecer os salários do trabalhador brasileiro segundo os processos adotados nos EUA: as grandes indústrias pagam salários altos; as pequenas e os serviços, baixos.

## DESEMPREGO E CONDIÇÕES DE VIDA

— E o problema do desemprego nos EUA?

— Segundo as informações oficiais, existem cinco milhões e meio de trabalhadores desempregados nos EUA, mas parece haver mais que esse número. A automatização está tomando o lugar da mão-de-obra e o governo está procurando treinar esses operários para outros serviços. A maior parte deles, porém, é constituída de pessoas idosas e, por isso, a adaptação é difícil. Enquanto não são empregados novamente, eles vivem às custas das instituições de caridade, que tratam de suas famílias, fornecendo-lhes alimentação, vestuário, etc. Por causa disso, o trabalhador empregado é um indivíduo permanentemente angustiado, pela ameaça de perder o emprego. Visitamos a Universidade de Harvard, em Boston, e pudemos observar isso num indivíduo que não tinha nada de operário: quando estivemos na classe de Português, nosso intérprete, americano que estudou nossa língua na Bahia, mostrou-se surpreso com o grande número de alunos que estudavam a matéria, tendo a sua concorrência, mais tarde, na vida profissional.

— O trabalhador americano tem uma vida confortável e folgada?

— Eu tive a impressão de que não, apesar de não ter tido a oportunidade de conversar com nenhum operário ou camponês, uma vez que esse contato era dificultado e mesmo impedido. Apenas os dirigentes sindicais falavam conosco. Apesar disso, notei que o operário americano não está satisfeito com as condições atuais de sua vida e carga dentro de si o sentimento de revolta. Numa fábrica de confecções femininas que visitei em Nova York, vi senhoras idosas trabalhando muito e ganhando por peça. Tive a impressão de que elas viviam muito mal, levando uma dura vida numa idade em que já deviam estar aposentadas. Nos bares e restaurantes, também, é muito comum a gente encontrar pessoas idosas trabalhando duramente, em

estado de constante irritação, em pé muitas horas por dia. O trabalhador trabalha dois anos para ter direito a uma semana de férias, cinco anos para ter direito a duas semanas e 35 horas por semana e só recebe as 35, não tem segurança nem garantia alguma.

## A SITUAÇÃO NO CAMPO E O PRECONCEITO RACIAL

— E a situação no campo nos EUA?

— No campo, que visitei na Califórnia, vi também grande número de desempregados, velhos de 50 a 60 anos e mendigar um emprego no sindicato rural e vivendo de biscoitos. Não tive também a oportunidade de falar com eles porque só o presidente do sindicato estava autorizado a fazer isso, dando à gente explicações convincentes sobre a sua existência ali naquelas condições. Apesar disso, pude saber que lá ninguém possui

terras e também ninguém soube me informar se é possível a sua aquisição. As terras pertencem a grandes companhias, que as cultivam com a mão-de-obra do operário mexicano, que é mais jovem e, por isso, mais produtivo, e mais barato que o americano. Isso nunca revolta, entre os operários norte-americanos, mas que a sempre eles é dirigida contra o operário mexicano e não contra o empregador. Apesar disso, observei empregados de uma grande firma em greve, porque o patrão fizera um contrato com eles para uma colheita e, depois, a colheita terminada antes do tempo, vendera o contrato para outra firma.

— E o preconceito racial nos EUA, Geraldo Serrão?

— Não houve nada contra mim e meu companheiro da Bahia. Nós fomos advertidos, no entanto, de que em Saint Louis poderia haver alguma manifestação e nos pediram que compreensões e desculpassemos. Não houve nada nem ali nem nas outras cidades que visitamos. É verdade que visitamos apenas cidades do norte. Embora bem tratados, e nos receberam muito bem. Também, fui recebido como pessoa digna da maior consideração, como sindicalista de um país em ebulição social.

## PALESTRA SOBRE O CAMINHO PACÍFICO

**S. CAETANO, 21 (Da sucursal)** — Realizou-se sábado último, dia 19, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, a palestra do jornalista Moisés Vinhas sobre "O caminho pacífico da revolução brasileira". Centenas de trabalhadores compareceram ao ato, que foi patrocinado pelos sindicatos locais. Após a palestra, estabeleceu-se vivo debate sobre as reformas de base e outros temas, no tocante a questão da carreira, agravada sobrema-

neira com os recentes decretos do governo em consequência dos quais já subiu vertiginosamente o preço da gasolina e vai subir da mesma maneira o do pão; sobre a necessidade da formação de um ministério que mereça a confiança do povo e sobre a necessidade de uma intensa campanha nas fábricas e nos bairros pela posse dos candidatos dos trabalhadores e dos segmentos.

## «Tempo Brasileiro»

Recebemos o segundo número da revista Tempo Brasileiro, dirigida por Eduardo Portela. São 200 páginas de colaborações de autores nacionais e estrangeiros, trabalhos de viva atualidade, dedicados a problemas artísticos, literários, políticos, econômicos, sociais, históricos. Entre os colaboradores da revista contam-se Hélio Jaguaribe, José Honório Rodrigues, Leite Lopes, Roberto Pontual, Inácio Rangel, Charles Lispector, Mário Martins, Jean Paul Sartre, Haroldo Campos, Wanderley Guimherne, Antônio Houaiss.

## COM GREVE DE 10 HORAS BANCÁRIOS PARARAM SP: VÃO RECEBER NATALINA!

Com uma greve que durou menos de 10 horas, os bancários da capital paulista encostaram os bancários "na parede" e vão receber, além do 13.º salário (já embolsado), as gratificações de fim de ano que há muito foi incorporada aos seus salários. Os aproximadamente 80 estabelecimentos bancários de São Paulo (capital) não abriram na manhã do último dia 22, porque seus 30 mil funcionários se declararam em greve reivindicando as mesmas conquistas dos seus colegas cariocas. Apesar do furor com que a polícia se lançou contra os grevistas, realizando cerca de 80 prisões, poucas horas depois o movimento estava vitorioso. Resultado: os bancários paulistas receberam suas gratificações de fim de ano,

que lhes pertence definitivamente qualquer que seja o resultado do julgamento do dissídio instaurado.

A proposta partiu do presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Emboro, contra-órto, os patrões tiveram de acatá-la, pois a greve não deturva dívidas quanto à disposição de luta dos bancários.

A ação dos piquetes foi fulminante, paralisando totalmente a rede bancária da capital, com reflexos no funcionamento das agências e sucursais do interior. O movimento começou pela manhã e por volta das 16 horas os bancários já festejavam a vitória, com a presença dos seus colegas que haviam sido presos, e cuja libertação foi uma das condições para a cessação do movimento.

# Dias 15, 16 e 17 de Fevereiro: I Encontro Sindical dos Industriários Paulistas

**S. PAULO (Da sucursal)** — Objetivando a realização do I Encontro Sindical dos Trabalhadores da Indústria do Estado de São Paulo, todas as federações daquele setor e numerosos sindicatos da capital e do interior reuniram-se, no último dia 10, na Federação dos Trabalhadores da Construção Civil, ocasião em que ficou decidido que o conclave preparatório do I Congresso Sindical Nacional dos Industriários, a realizar-se em Brasília no dia 1.º de maio, se efetuará nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro na capital paulista. Estiveram presentes, representando a CNTI, o seu presidente, Clodomir Riani e Francisco Píndico das Chagas, tesoureiro.

## BALANÇO DA CNTI

O presidente da CNTI, depois de mostrar o quanto contribuíram os industriários para o avanço observado ultimamente no movimento sindical brasileiro com a nova diretoria da en-

tidade, disse que mesmo assim ainda há muita coisa a fazer, como por exemplo corrigir a distância que ainda separa a direção nacional das bases, distância essa que os atuais dirigentes vêm se esforçando para superar. Recordou que as diretorias anteriores da CNTI deixavam inúmeros problemas pendentes de solução porque o momento o presidente tinha autoridade para despachar. Agora isso não acontece, disse, pois qualquer diretor pode despachar.

Citou o quanto têm sido importante para o povo as posições políticas que os trabalhadores vêm tomando, como foram as greves contra os golpistas, efetuadas em 5 de julho e 14 de setembro do ano passado, quando a CNTI, participando daqueles movimentos, levou os industriários a contribuírem decisivamente para que as liberdades constitucionais fossem resguardadas. Lembrou, também, a grande vitória da democracia com o resultado de várias impressionantes em favor do Não, o que credenciam os trabalhadores e suas entidades a exigir do presidente da República que tome medidas concretas e imediatas em favor das indispensáveis reformas de base,

o que somente será possível com a nomeação de um gabinete composto de homens capazes e reconhecidamente nacionalistas e democratas.

## IMPORTANCIA DO I CONGRESSO

Com referência ao Congresso em preparação, o líder Riani afirmou que o certo é contribuir em muito para que muitas leis do interesse dos operários, que não vêm sendo aplicadas, passem a ter valor, bem como ajudará a luta por modificações na legislação trabalhista daquelas leis já superadas. Recordou que "apesar da CNTI ser a maior Confederação de trabalhadores da América Latina, ainda não realizamos o nosso congresso, enquanto que outras confederações do país, tais como dos bancários, aeronautas, ferroviários e trabalhadores da orla marítima realizaram vários congressos específicos, o que lhes garantiu a conquista de importantes reivindicações".

## TEMARIO

Na reunião, após animados debates, foi aprovado o

regimento interno que regerá os trabalhos durante a realização do I Encontro Sindical Estadual dos Industriários, quando serão debatidos os seguintes pontos do temário:

- a) Previdência Social; b) Legislação do Trabalho e Organização Sindical; c) Problemas Econômicos e d) Problemas Nacionais.

## 13º SALÁRIO: GREVE NO SETOR DE LATICÍNIOS

**BELO HORIZONTE, Minas Gerais (Da sucursal)** — Os 400 trabalhadores da Fábrica de Laticínios Virgolândia Ltda., da cidade de São Gonçalo do Pará, ameaçam deflagrar greve geral, caso a empresa não efetue o pagamento do 13.º salário e não cesse a dispensa dos operários mais antigos sem as indenizações determinadas pelas leis trabalhistas.

O líder sindical Salvador Vasconcelos esteve naquela cidade como representante do IV Congresso Sindical para tentar uma conciliação mas não foi bem sucedido, pois o proprietário da Fábrica de Laticínios Virgolândia Ltda. se recusa a qualquer acordo dizendo que "quem manda aqui sou eu e mais ninguém". Os operários estão revoltados e é iminente a deflagração da greve.

## GRÁFICOS MINEIROS QUEREM 40%

**BELO HORIZONTE, MG (Da sucursal)** — Os gráficos da Capital iniciaram campanha, objetivando um reajustamento salarial de 40% sobre o último aumento. O Sindicato das Indústrias Gráficas, no entanto, não quer dar mais que 25%, enquanto o Sindicato das Empresas de Jornais e Revistas diz que dará 35% de reajustamento. O Sindicato dos Gráficos pensa entrar com um pedido de dissídio coletivo na DRT contra o Sindicato das Indústrias Gráficas, examinando a proposta dos proprietários de jornais e revistas em assembleia geral da classe.

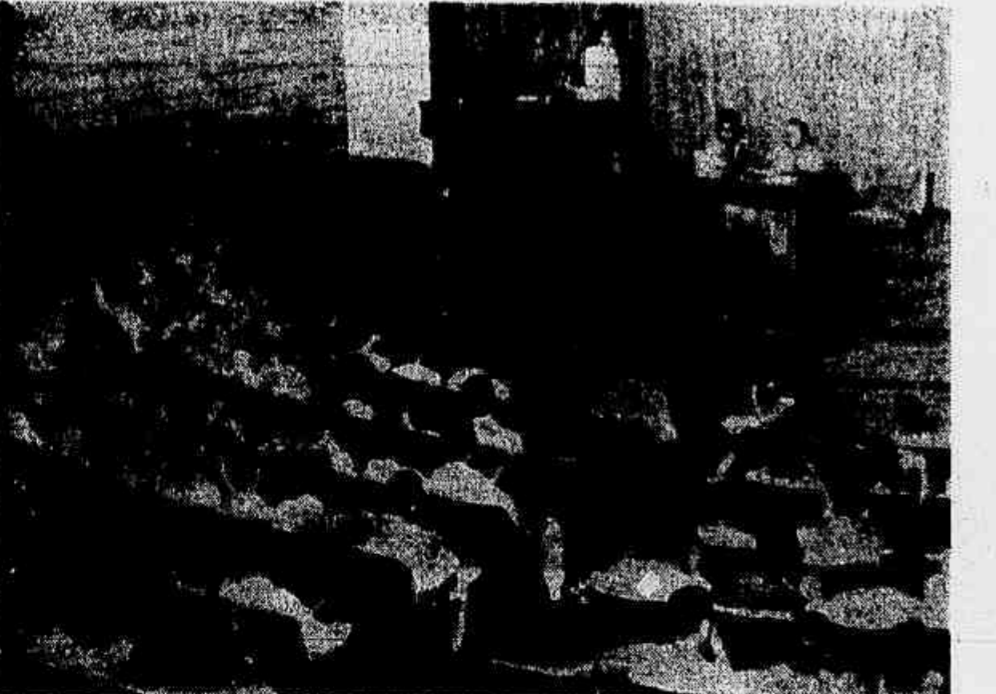
## PELOTAS CONCLAMA OS POVOS AO DESARMAMENTO GERAL: «DECLARAÇÃO DE PAZ»

**PELOTAS** Do correspondente) — Centenas de cidadãos pelotenses, entre os quais o prefeito do município, dr. João Carlos Gastal, o presidente e todos os integrantes da Câmara dos Vereadores, professores, advogados, líderes sindicais, camponeses e estudantes, dirigiram uma "Declaração de Paz" ao Papa João XXIII, ao secretário-geral da ONU e aos governos dos Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, França e Brasil, na qual expressam o apelo do povo desta cidade pela contrarrestação universal, o desarmamento geral e contra os horrores da guerra atômica.

O documento, depois de assinalar "que uma pesada

angústia oprime o coração de milhões de homens e mulheres pela insegurança em que se encontram acerca de um futuro imprevisível para seus filhos e para si próprios", termina declarando "confiar no alto senso de humanidade e na elevada responsabilidade dos dignitários a que se dirige no sentido de que contribuem para a efetiva fraternidade, entre os povos, com a preservação da paz mundial".

A Câmara Municipal aprovou por unanimidade a proposição do vereador Edgard José Curvello, do Partido Republicano, no sentido de que a "Declaração de Paz" fosse encaminhada aos seus destinatários por intermédio daquela casa legislativa.



## MARXISMO, FILOSOFIA HUMANISTA DE NOSSA ÉPOCA

Centenas de pessoas, em sua maioria estudantes universitários, vêm comparecendo às aulas do curso de filosofia marxista que sob o título geral de "Marxismo, filosofia humanista de nossa época" o professor Jacob Goreneder vem ministrando desde o dia 9 do corrente. Proferidas inicialmente no auditório do sétimo andar do edifício da Associação Brasileira de Imprensa as palestras tiveram de ser transferidas

para o salão nobre daquela casa, no nono andar, já que a dependência anterior revelou-se pequena para conter o grande número de participantes do curso, o que aliás está ocorrendo com o grande auditório onde as conferências são agora proferidas. Na foto, um aspecto da aula de segunda-feira última, vindo-se o conferencista e parte da assistência. Amanhã, sexta-feira, nova palestra, como sempre às 21 horas.

## Campos: Moradores Dos Bairros Querem Saneamento e Energia

**CAMPOS, Estado do Rio (Do correspondente)** — Os moradores do Parque Tarcísio Miranda, neste município, na maioria operários e pequenos funcionários, vêm desenvolvendo uma intensa luta junto à empresa de energia elétrica e à empresa estatal de água e esgoto no sentido de serem atendidas suas necessidades daqueles benefícios nas terras que com tantas dificuldades conseguiram comprar à Usina Santo Antônio. No Parque as condições de vida são extremamente insalubres: a água só pode ser conseguida através de bombas franjadas pelos próprios moradores, não há rede de esgotos e a população se utiliza ainda do antiquado sistema de fossas.

Enquanto isso, no lado oposto ao Parque Tarcísio Miranda, os residentes no Parque Jockey Club se vêem às voltas com os mosqui-

tos e com o mau cheiro proveniente do lançamento de detritos no canal do Coqueiro, às margens do qual está erguido o conjunto residencial.

Por outro lado a especulação imobiliária vem entrando o progresso daqueles bairros. Não apenas os preços dos lotes vêm subindo assustadoramente (custavam 140 mil cruzeiros há bem pouco tempo e agora são postos a venda por nunca menos de trezentos mil cruzeiros) como também terrenos são comprados e deixados inaproveitados, esperando por novas maiorias.

Os moradores dos dois núcleos entretanto desperaram para a luta por seus direitos e por melhores condições de vida. Com esse objetivo estão organizando uma Associação Pró Melhoramentos dos bairros.

### FALÊNCIA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

De Belo Horizonte, Manoel Rufino da Silva conta um drama — o seu próprio, feito joguete e atirado de um lugar para outro por diretores, incapazes, de determinados organismos da previdência social. É dele a narrativa:

"Sou contribuinte do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, no Estado da Bahia, onde resido e trabalho em Vitória da Conquista. Encontrando-me doente fui ao médico do IAPC local. Ele aconselhou-me a que suspendesse o trabalho, e disse que eu deveria procurar tratar-me em Belo Horizonte, e de, no IAPC mesmo, que é uma organização nacional. Chegando aqui o delegado do Instituto, dr. Miguel Mendonça, veio com uma delegação do IAPC na Bahia financiada às expensas do tratamento. Pediu autorização ao delegado de Salvador, e como resposta obtive a afirmação de que não há necessidade de tal financiamento, pois meus documentos estando legais, como estão, posso tratar-me em qualquer lugar do Brasil. Mas não é isso o que pensa a direção do IAPC de Minas, que continua a negar-me o direito a ser hospitalizado. Enquanto isso agrava-se o meu estado de saúde".

Por sua vez, Alberto da Cunha Andrade, de Cabo Frio, Estado do Rio, afirma que há, em sua cidade, uma revolta generalizada entre os associados do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários contra a medida da delegacia local daquela autarquia efetuando desconto de 50 por cento no montante do auxílio natalidade, a pretexto de pagamento de estadia de alguns beneficiários no hospital do Instituto. O leitor assegura que várias outras irregularidades ocorrem nos órgãos e dependências da previdência social em Cabo Frio.

## QUER SER ASTRONAUTA

Marcos Antônio Duarte de Aquino, de João Pessoa, Paraíba, é um entusiasta da ciência astronômica. E tem algumas aspirações:

"Sou grande admirador dos feitos soviéticos na exploração do espaço sideral. Venho acompanhando-os desde o lançamento do primeiro Sputnik e tenho desejo de servir como astronauta voluntário, inclusive para viajar rumo à Lua. Pode ser que algum estranho isso, mas tenho realmente muita vontade e condições: tenho saúde, bastante coragem, sou jovem, solteiro e de boas ideias".

Marcos Antônio pede nossa ajuda. Aconselhamos nosso leitor a que se dirija à Academia de Ciências da URSS, em Moscou.

## ANISTIA

Francisco Ferraz de Oliveira, pela diretoria da Associação Cívica de Defesa das Liberdades Públicas de São Paulo, congratula-se com a publicação, em uma das nossas últimas edições, de um artigo sobre anistia aos patriotas envolvidos em processos políticos. E na oportunidade dá-nos uma grata notícia: no dia 22 de dezembro último, o juiz auditor da Justiça Militar de São Paulo mandou anistiar 517 militares da Força Pública que estavam em situação semelhante.

## UNIVERSIDADE PATRICE LUMUMBA

Mais um leitor manifesta interesse em conseguir uma bolsa de estudos na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou. Desta feita trata-se do jovem Emmanuel P. Leon Júnior, de João Pessoa, Paraíba, que gostaria de ir estudar Geologia na universidade da amizade dos povos.

Para atendimento de sua pretensão o leitor deve dirigir-se à própria Universidade Patrice Lumumba, no endereço seguinte: 5.º Donkoi Proezd, número 7, Moscou, URSS.

Emmanuel Leon envia-nos também um poema sobre o líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado pelos latifundiários. Deixamos de publicá-lo por absoluta falta de espaço.

## PUNTA DEL ESTE

Nossa leitora Marina de Abreu, de São Paulo, capital, enviou-nos alguns trabalhos poéticos de sua autoria, pedindo publicação. Escolhemos e transcrevemos o que ela dedica a Punta del Este.

### FUNTA DEL ESTE

Romântico recanto junto ao mar  
Ostentando com orgulho teu laurel  
São testemunhas tuas praias, teu luar  
De muitos beijos de casal em lua de mel!

Quem sabe quanto amor já abrigaram  
As folhas dos teus verdes palmeirais  
E hoje de repente te tornaram  
Laboratório de intrigas, nada mais!

Tu céu não é tão claro neste dia  
Que a ambição, contra a soberania  
Desencadeia sua fúria de jaguar

O ódio põe as cartas sobre a mesa  
E uma ponta de cigarro acesa  
Que pode toda a América inflamar

## BH: FAVELADOS TÊM NOVA DIRETORIA

**BELO HORIZONTE (Da sucursal)** — A Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte elegerá dia 13 último, em concorridas eleições, sua nova diretoria, assim constituída: presidente, Francisco Farias Nascimento; vice-presidente, Jurandir Matos de Oliveira; 1.º secretário, Pedro Lourdes de Paula; 2.º secretário, José Graciliano da Silva; secretário do patrimônio, Felipe Cupertino da Silva; 1.º tesoureiro, Geraldo Antônio de Moraes; 2.º tesoureiro, Jo-

sé Bonifácio de Oliveira. Para o Conselho Consultivo foram eleitos Luiz Francisco de Souza, presidente; Luiz Falcão de Moura, vice-presidente; Gumerindo Mendes de Moraes, 1.º secretário; e Geraldo Alves Carneiro, 2.º secretário. O Conselho Fiscal ficou constituído de Geraldo do Carmo, José Sotero Pereira e Nelson Tomaz da Silva. Os eleitos tomaram posse dia 20 em solenidade realizada no Sindicato dos Bancários.

## SANTA CATARINA: UCETI JÁ TEM DIRETORIA

**FLORIANÓPOLIS (Do correspondente)** — O Congresso Estadual dos Estudantes Técnicos e Industriais realizado nos dias 3 a 5 deste mês, elegeu e empossou a primeira diretoria da União Catarinense dos Estudantes Técnicos e Industriais. São os seguintes os integrantes da direção da UCETI: Luiz Jorge Leal, presidente; Mário César Campos e Sérgio Brasileiro Adolfo da Rosa, 1.º e 2.º vice-presidentes; Sérgio Lopes secretário-geral e Miracir José do Vale, tesoureiro-geral.

## PPS FOI TEMA DE PALESTRA EM BH

**BELO HORIZONTE (Da sucursal)** — O jornalista Henrique Cordeiro pronunciou nesta capital uma palestra sobre o tema "PPS: tribuna do movimento operário e comunista", na última sexta-feira, dia 18. A conferência, que despertou grande interesse, compareceram dezenas de representantes dos bancários, metalúrgicos, ferroviários, mineiros e universitários, funcionários públicos, etc.

Após a palestra do conferencista, seguiu-se um animado e longo debate.





Os acontecimentos do Congo

# Tchombe Deve Responder Pelo Assassinio de Lumumba

Os acontecimentos dos últimos dias no Congo indicam que se aproxima do fim a longa e sangrenta luta que se travava naquele jovem Estado africano depois da conquista de sua independência política. Finalmente, os Estados Unidos parecem decididos a aceitar o afastamento do principal responsável pela guerra civil que lavrou no Congo: Moisés Tchombe, o presidente fantoche separatista da província de Katanga. Foi ele quem impediu até agora a unidade do Congo. Foi ele o fomentador da luta fratricida que delatou no país no dia seguinte à proclamação de sua independência. Até que enfim, a ONU resolveu agir de acordo com os interesses do povo congolês. Há dias prendeu Tchombe, embora relaxando imediatamente a prisão mediante a pressão das potências coloniais, principalmente Inglaterra e Bélgica. Mas Tchombe comprometeu-se a mandar cessar a resistência de suas tropas à entrada das tropas da ONU em Katanga para a unificação do Congo.

Uma maioria: 41 votos a favor, 2 contra, 7 abstenções. Kasavubu tenta afastar Lumumba do cargo de primeiro-ministro. A 12 de setembro, traído e assassinado, Lumumba é aprisionado em sua residência. O exército oficial congolês, sob o comando do general Mobutu, corriqueiramente de Tchombe, coloca ao lado dos separatistas de Katanga. Esta é finalmente repulsa pelos seus adversários e entregou a Tchombe, que é enviado para Katanga, onde é julgado juntamente com outros partidários seus.

### O NEOCOLONIALISMO EM AÇÃO

Toda a imprensa mundial reconhece que as lutas incessantes que se têm travado no ex-Congo Belga resultam do choque de interesses entre grupos imperialistas que disputam as riquezas minerais da província de Katanga. A *Union Minière*, todos os sabem, é um Estado dentro do Estado congolês. Tchombe não passa de seu testa-de-ferro, o agente executivo de seus interesses, postos em jogo depois da independência. Os grupos imperialistas belgas (hoje ligados aos norte-americanos) dominavam em Katanga as riquezas minerais das mais consideráveis. A *Union Minière* ali controla jazidas que fornecem 8% da produção mundial de cobre, 80% da produção de cobalto do mundo capitalista. De 25 a 50% calcula-se que ocupe na produção mundial de urânio a parte: as correspondem a Katanga. Por estas simples razões se percebe que Tchombe não significa para os trustes belgas, ingleses, americanos e alemães ocidentais mais do que um daqueles rajás cujos princípios de operação que lhes servem de laços nos Estados do Oriente Médio e Próximos, de onde eles extraem fabulosos lucros na exploração do petróleo. Aqui a coisa é mais simples ainda: trata-se de urânio. Isto é de riqueza atômica, incomparavelmente mais explosiva...

Se de 1949 a 1958, os 19 bilhões de francos belgas aplicados nas minas de Katanga deram um lucro de 80 bilhões, dos quais 40 bilhões foram distribuídos aos acionistas, era fácil de prever que os colonizadores não abandonariam de boa vontade a sua guarda.

Reconhece um jornal independente francês: «L'Express»: «Uma colonização fez deixar no país os aparelhos econômicos e financeiros da exploração e dependência colonial». Podemos acrescentar: e também deixou os aparelhos políticos, de que Tchombe, o assassino de Lumumba, funcionava como uma das peças principais, ao lado da ONU, ontem com Hammarström, hoje com U Thant.

### CORRE SANGUE CONGOLÊS

Nas últimas semanas, o Congo ex-belga voltara novamente à ordem-do-dia. Katanga continuava separada da federação, entregue a Moisés Tchombe. As tropas da ONU permaneciam no Congo, mas para elas o Congo não compreendia Katanga, cujo separatismo era reconhecido de fato, quando não de direito. Esforçavam-se, porém, nos últimos dias entre as tropas de Tchombe e as da ONU, mas, não obtendo as provisões da guerra civil de estado separatista katangês, a ONU continuava a resistir. Não se queria a favor de Tchombe, mas não se queria a favor da ONU. A situação do seu país, que tem de fato sido impedida de se unir ao Congo, tornou-se uma pesada carga para a ONU e para os colonizadores.

A chama da independência nacional não se apagou no Congo. Bruscamente por diante com a morte do herói nacional Patrice Lumumba, com a prisão de Mwoyo, cuja vida está em perigo. Na realidade, que passa o tempo, se congolês compreendem melhor que sua liberdade tem que ser conquistada, e não concedida por mercê de outra mão potestada. Certamente, recordando os resultados desta tomada de consciência do povo congolês, a ONU, com a aquiescência dos Estados Unidos, resolveu finalmente tomar medidas contra Tchombe. Restou entregar-lhe à justiça do povo congolês.

A União Soviética deu este mês o passo mais importante para conseguir-se uma das mais significativas medidas contra a guerra: a interdição das experiências nucleares. Em carta dirigida ao presidente dos Estados Unidos, o primeiro-ministro soviético Nikita Krushchov concordou, em princípio, com a inspeção local no território da URSS para verificação de suspeita de provas nucleares ou abalos sísmicos. Trata-se, no caso, de uma autêntica reviravolta da política da URSS no que se refere às inspeções referentes a explosões nucleares.

### TROCA DE CARTAS

A sensacional carta de Krushchov a Kennedy tem a data de 7 de janeiro. Mais uma vez, a iniciativa para a interdição das experiências nucleares fora tomada pelo chefe do governo soviético, numa mensagem ao chefe do governo dos Estados Unidos, datada de 19 de dezembro. Kennedy respondeu-lhe a 28 de dezembro. A proximidade das datas revela ter havido uma grande aceleração dos acontecimentos. O que passou agora, o que passou, não se pode esquecer. O que passou, além das cartas trocadas entre os dois estadistas, convergências bilaterais entre representantes da URSS e dos E. Unidos conduziram de maneira frutífera a este resultado. Reuniram-se em Ginebra os representantes das duas potências. Mas é possível também que o pas-

# URSS Permite Inspeção: Fim Das Provas "A" Dependente do Ocidente

Existem outros problemas que não podem ser postos à margem. Assim, é improvável que a URSS aceite um acordo para proibição das armas nucleares ficando um país membro da OTAN, como a França, fora de mesmo, podendo experimentar não só as suas próprias bombas mas também as inglesas e as americanas...

### A SOLUÇÃO PROPOSTA

Pela última carta de Krushchov a Kennedy, a União Soviética está disposta a aceitar os dois tipos de inspeção: as "caixas negras" nas regiões onde ocorrem habitualmente abalos sísmicos, e as verificações locais, em regime de reciprocidade: duas a três por ano. Naturalmente, há nuances que sem dúvida serão levadas em conta de parte a parte. Assim, por exemplo, existem na União Soviética regiões sujeitas a abalos sísmicos, como o Cáucaso e os Céspites, onde os mesmos não podem ser confundidos com as explosões nucleares: são zonas tão sensivelmente porosas que ninguém pensaria em efetuar ali experiências com bombas atômicas ou de hidrogênio. Objeção de extrema seriedade é ainda feita pela URSS: que as comissões de cientistas estrangeiros destinadas a fazer as verificações in loco na URSS não se dediquem a atividades de espionagem. Era esta aliás a única restrição por que a União Soviética se recusava a aceitar as inspeções locais.

### VITÓRIA DA COEXISTÊNCIA

Certamente, este acordo agora possível entre as duas principais potências nucleares — URSS e EUA — não se faz de maneira isolada do complexo da situação internacional. Ele talvez tenha sido encaminhado, em última análise, pelo entendimento hávido entre as duas superpotências mundiais depois da crise do Caribe. Ali, o mundo parou à beira da guerra. A paz esteve realmente por um fio. Não só a paz: a própria sobrevivência, quando não da humanidade, pelo menos da civilização contemporânea. A guerra nuclear esteve na iminência de destruir em algumas horas os melhores frutos de séculos de civilização acumulados pelo homem. Quer dizer: pela primeira vez foi tirada a prova de que a alternativa da guerra — nuclear, de foguetes e, talvez, de naves cósmicas — a única alternativa é a coexistência pacífica. Por isso tem-se batido persistentemente a URSS, com esforços redobrados nos derradeiros cinco anos. Tudo indica que setores ponderáveis do imperialismo perceberam que não podem mais, como no passado, tirar proveito de uma guerra mundial. Ao contrário, a guerra mundial seria desastrosa para o mundo, e seu fim é ela poderia ser desastrosa para a República de Cuba... O recuo dos EUA foi oportuno, comprometendo-se a não invadir Cuba. E criou condições para os entendimentos que se têm processado entre os Estados Unidos e a URSS.

Isto não significa que tudo seja fácil e a paz esteja garantida em definitivo. Ao contrário, certos grupos imperialistas, não só nos Estados Unidos, como em outros países do mundo capitalista, tentam por todos os modos criar dificuldades à consolidação da paz, à eliminação das zonas de atrito que ainda existem no mundo (Alemanha, Vietnã do Sul, Antilhas) e à solução de problemas tão presentes como o desarmamento geral e completo.

elaborado pela administração Kennedy e enviado ao Congresso é um autêntico orçamento de guerra e orçamento para a guerra. Corresponde a quase metade de todo o orçamento nacional americano! São 48 bilhões e 400 milhões de dólares para armamentos, bases, forças armadas, durante um ano fiscal único. Para representar uma ideia do que representa basta recordar que é mais de três vezes superior a todas as verbas destinadas pelos Estados Unidos à Aliança para o Progresso ("Ajuda" à América Latina) durante dez anos!

### E OS ORÇAMENTOS MILITARES?

Mas um dos pontos básicos do problema universal da paz é a guerra ainda se encontra nos orçamentos militares das grandes potências. E sabe-se que os Estados Unidos, desde o início da guerra fria, têm os maiores orçamentos militares sempre em expansão. Este que acaba de ser



## FOLHETOS

LEIAM:

- Conferência dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários — Cr\$ 40,00
- Programa e Estatutos do Partido Comunista Brasileiro — Cr\$ 15,00
- Resolução dos Comunistas Sobre a Crise Política e o Governo Jango-Tenreiro Neves — Cr\$ 10,00
- Carta a Mister Kennedy (em verso) — Cr\$ 10,00
- Resolução Política dos Comunistas (dezembro 1962) — Cr\$ 20,00

Pedidos pelo reembolso postal (mais de 5 em.) a:

**Editores Aliança do Brasil Ltda.**  
Av. Rio Branco, 257 — sala 905  
Rio de Janeiro — Guanabara

### TOGLIATTI: FIDELIDADE AOS...

(Concluído da 4.ª página) circunstâncias em que foram cometidos e do seu conteúdo. As falsas orientações políticas inspiradas por Stalin, e a errônea doutrina acerca do aumento do número dos inimigos em consequência dos nossos próprios sucessos, as violações da legalidade e outras consequências limitadas acérrimas, foram uma espécie de camisa-de-força que não permitiu ao movimento comunista, no momento em que, finda a guerra, conquistava tantas novas possibilidades, manifestar toda a sua força, revelar todas as suas capacidades criadoras, demonstrar a todo o mundo que o regime socialista, pelo qual combatemos, é um regime de democracia efetiva em todos os campos da vida social.

Saudamos tudo o que foi feito para recuperar aquilo que se perdeu neste campo, assim como continuaremos a acompanhar com o mais alto interesse as pesquisas destinadas a aprofundar o conhecimento dos erros cometidos no passado, e também os progressos doutrinais e práticos que hoje se verificam em todos os países socialistas tendo em vista acelerar o progresso da edificação econômica e política.

Sentimos vivamente a necessidade de que a diversidade das situações em que se desenvolve o nosso trabalho comum não leve ao

### REMEMORANDO FATOS

Há dois anos e meio, o território africano conhecido sob a denominação de Congo Belga conquistava a independência: 30 de junho de 1960. Lutas populares de caráter revolucionário haviam precedido a proclamação da independência do Congo. Teimaram os antigos colonizadores que, opostos à resistência às lutas que delatavam, depois de meio século do mais feroz domínio estrangeiro, as forças mais radicais da revolução congolês viessem a assumir o poder político. Transacionaram, negociaram, cederam finalmente ante a onda da independência que se espraiava.

No entanto, podemos perguntar ainda agora, transcorridos dois anos e meio da independência formal: é realmente independente o antigo Congo Belga?

### ANTES ERA LUMUMBA

Logo depois de proclamada a independência do Congo, surgiu como a principal força política nacional o partido chefiado por Patrice Lumumba: o Movimento Nacional Congolês. Não havia outra força de tamanha influência entre as camadas populares e em particular entre os trabalhadores. Josef Kasavubu veio a ocupar o cargo de presidente da jovem República do Congo, como representante das forças contrárias ao sistema federativo, mas admitindo a ingerência dos antigos colonizadores estrangeiros. A extrema direita era formada pelo partido do chefe da província de Katanga, Moisés Tchombe. As forças radicais da revolução congolês, comandada por Lumumba, tal a sua força, levaram seu líder à presidência do Conselho de Ministros. Lumumba era o verdadeiro chefe popular da independência. Em torno dele cifravam-se as esperanças de um Congo autenticamente livre e soberano.

Todos sabemos qual o fim de Lumumba: depois de ser-se proclamação a harmonizar as forças políticas para enfrentar as manobras do neocolonialismo, caiu nas garras de seu principal adversário, Tchombe. Com a complacência da ONU, foi submetido a torturas e assassinado.

Lumumba era apresentado pela propaganda imperialista como um obstáculo à unificação do Congo e à cessação da luta fratricida que lavrava em suas fronteiras. Em julho de 1960, Tchombe declara a separação da província de Katanga. A 7 de setembro, a ONU intervém. Tropas da ONU ocupam Leopoldville, a capital congolês. Aumentava o prestígio de Lumumba entre as massas populares. O Senado congolês lhe concede um voto de confiança por semana.

## LÓIDE TEM PLANO PARA RECUPERAÇÃO E PROGRESSO DA NAVEGAÇÃO BRASILEIRA

O presidente do Conselho Nacional de Economia, sr. Antônio Honório Pereira, entregou, oficialmente, ao diretor do Lóide Brasileiro, sr. Moacir Monteiro Neto, o Plano de Recuperação daquela empresa de navegação marítima, preparado por uma equipe de técnicos do CNE e que servirá de subsídio para a reestruturação da Autarquia, cujas principais iniciativas já foram adotadas no ano que passou.

O propósito do sr. Moacir Monteiro Neto é o de aplicar o Plano do CNE estudos e desenvolvimentos já realizados durante o primeiro ano de sua administração à frente do Lóide, a fim de pôr em marcha o esquema de reestruturação da Empresa, que consiste principalmente em:

- 1 — reequipar a estrutura industrial dos estabelecimentos de Moeanguê, Conceição e das instalações da Ilha da Pombal; 2 — construir o edifício sede na faixa das atuais docas do Lóide, onde serão instalados os frigoríficos e um seis exclusivos para a frota da ALALC; 3 — construir moderno ginásio industrial, em Moeanguê, para formar técnicos e dar assistência técnico-profissional mais ampla; 4 — reequipar os navios da Empresa, inclusive com nova aparelhagem de radar, para a qual já foi aberta concorrência; 5 — implantar novo e atualizado sistema de telecomunicações, não só entre as unidades da frota, como entre a sede, suas agências e escritórios, no país e no exterior; 6 — aquisição de rebocadores de alto-mar e auxiliares e de duas grandes cabreas, de 200 toneladas cada, para o Rio e Santos, e que serão as maiores do país.

### VOGUE QUER UMA BOLSA DE ESTUDOS NA URSS?

As inscrições para a Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, em Moscou, estão abertas desde o dia 21 de janeiro e seu encerramento se dará a 21 de fevereiro. Os interessados deverão dirigir-se à sede do Instituto Cultural Brasil-URSS, na av. Franklin Roosevelt, 194 — apto. 304, diariamente das 8 às 20 horas.

### PERSONAL

Nas questões relacionadas com o pessoal, o CNE procedeu a um levantamento da atual equipe que serve ao Lóide Brasileiro, em todos os setores, e concluiu que a principal empresa de navegação marítima brasileira, como de resto, toda a nossa Marinha Mercante, destruída de uma operação muito célere nessa particular. Este fato destoa as críticas, segundo as quais o Lóide, como empresa estatal, deveria ser funcional.

### LUMUMBA

O Plano do CNE focaliza, ainda, as possibilidades de expansão das linhas do Lóide — já iniciada com êxito pela atual administração —, principalmente para África, Europa e América Latina, rumo a novas áreas de comércio para o nosso país. Nesse setor, chegou-se, também, à conclusão de que a estrutura do transporte marítimo brasileiro foi abandonada, em favor do sistema rodoviário e subsidiária, do sistema ferroviário nacional.

### RECURSOS

No marco do Plano Trienal do Governo, o Lóide dispõe de recursos da ordem de 10 bilhões e meio de cruzeiros, mais 4 bilhões e meio em 1966, o que lhe confere um orçamento de quinze bilhões de cruzeiros no próximo quadriênio.



# Que Faz o Governo?

Povo Paga Preço  
da Inflação  
e da Espoliação

Nova onda de aumento de preços persegue os trabalhadores brasileiros em consequência da decisão do governo de acabar com os subsídios para a importação de petróleo e trigo. Esta decisão teve como consequência imediata a elevação em média de mais de dois terços nos preços da gasolina e dos derivados de petróleo, do dobro no preço da farinha e, em grande parte graças à especulação desenfreada, nos preços dos gêneros, produtos industriais e serviços. Esta onda já começou e deve se intensificar nos próximos dias e semanas.

O governo explica suas medidas, especialmente no Plano Trienal, dizendo que é necessário reduzir os déficits orçamentários e diminuir as emissões para conter a inflação sem prejuízo

do desenvolvimento industrial do país, inclusive das empresas estatais. Na verdade, o que ocorre é que o governo não se dispõe a cortar os privilégios do imperialismo, do latifúndio, da "quadrilha do café", dos intermediários especuladores e da oligarquia financeira, verdadeiros responsáveis pela alta do custo de vida. Não vê então outra solução senão obrigar o povo a continuar pagando, e cada vez mais, para sustentar estes privilégios.

Tanto é assim que nos mesmos dias em que foram decididos os aumentos foi também paga a absurda e insultuosa indenização exigida pelo governo dos Estados Unidos para a companhia telefônica Inque IT&T, nacionalizada pelo governador Leonel Brizola. Resolveu o governo "emprestar"

a uma subsidiária daquela empresa um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros por oito anos a juros de 12 por cento ao ano. Levando em conta a desvalorização de nossa moeda, este empréstimo representa, na verdade, uma doação de um bilhão de cruzeiros ao truste Inque, além da indenização legal já depositada pelo governador gaúcho. Anuncia-se que a mesma "mágica" será aplicada, conforme exigência Inque aceita pelo governo brasileiro, para a Light e a Bond and Share. Enquanto isso, informam as agências norte-americanas que "melhoraram sensivelmente" as disposições de Washington em relação ao Brasil, o que é comprovado pela chegada ao Rio de três emissários do FMI.

## O Dinheiro do Povo Encolhe

A ótica de casa que vai hoje fazer compras e puxar pela memória descobrirá um fato estranhado. Para adquirir as mesmas coisas que no início do ano passado terá de pagar mais de dois terços a mais do que naquela época. Digamos que ela gastasse mil e duzentos cruzeiros para suas compras semanais. Hoje precisará de dois mil. Em um ano o custo de vida subiu de 60% no Rio e em São Paulo, calculando-se um aumento de cerca de 50% para todo o país.

A 1.º de janeiro entraram em vigor os novos níveis de salário mínimo. Poucos dias depois era o próprio Ministro do Trabalho, sr. Benjamin Eurico Cruz que, num momento de grande franqueza, dizia que o aumento já tinha sido "comido". De fato, basta fazer uma conta muito simples. O aumento de 60% sobre os níveis estabelecidos em outubro de 1961. Só durante o ano de 1962 a alta dos preços foi maior do que isto, sem contar o aumento de mais

de quinze por cento que houve entre outubro e dezembro de 1961. Do começo de dezembro para cá, o aumento foi tal que uma nota de cem cruzeiros, por assim dizer, só vale noventa ou ainda menos, pois os preços sobem quase que diariamente. A verdade é que o dinheiro encurtiu na mão do trabalhador. E os preços continuam disparando. O arroz, o feijão, os remédios, a carne, o pão, o açúcar, o leite, os transportes e assim por diante.

## Inflação = Roubo

Por que sobem os preços? Os fazendeiros e comerciantes de produtos agrícolas, da mesma forma que os industriais e as empresas de serviços públicos, todos os exploradores enfim dizem que o culpado é a inflação, como se eles não tivessem nada com o pato. Mas, então, quem é que faz a inflação? Os mais desavergonhados chegam a dizer que os aumentos de salários é que provocam o aumento dos preços. Um pouco honesta, a revista da Confederação Nacional da Indústria, isto é, do clube dos donos de fábricas, era obrigada a reconhecer que isto não passa de uma grande mentira.

Dai até a entrada em vigor do salário mínimo de Cr\$ 13.440,00 em outubro de 1961, os preços em geral já tinham sido multiplicados por quase duas vezes e meia. Em termos concretos, é como se aqueles seis mil cruzeiros passassem a valer apenas Cr\$ 5.600,00. E a coisa continuou. De outubro de 1961 até hoje, o custo de vida quase dobrou, enquanto o salário mínimo foi aumentado em menos de dois terços. Isto é, para que o trabalhador carioca que ganha salário mínimo pudesse comprar as mesmas coisas que comprava em outubro de 1961, teria que ganhar perto de vinte e sete mil cruzeiros e não vinte e um.

mesma base que o salário mínimo. O que acontece, então, é que quando os trabalhadores conseguem, por meio de sua luta, aumentar seus salários, este aumento já foi comido pela alta dos preços. Não existe, na realidade, aumento de salários, e sim, no melhor dos casos, um reajustamento que devolve ao trabalhador o mesmo dinheiro que ele ganhava na época do reajustamento anterior. No dia seguinte, ele já está ganhando menos, porque os preços já subiram.

Vamos ver o que aconteceu com o salário mínimo nestes últimos anos. Em janeiro de 1959 entrou em vigor o salário mínimo de seis mil cruzeiros na Guanabara.

E é claro que o que acontece com o salário mínimo também vale para os outros, pois os aumentos de salários são exigidos em geral na

base de 60% sobre os níveis estabelecidos em outubro de 1961. Só durante o ano de 1962 a alta dos preços foi maior do que isto, sem contar o aumento de mais

## Quem São os Ladrões

Se, como vimos, a inflação é um roubo praticado contra os trabalhadores, sob a forma de redução indireta de seus salários através da alta dos preços, quem é que pratica este roubo? É bastante conhecido o ditado popular de que só ganha dinheiro quem já tem, assim como o do outro que quanto mais tem, mais quer ter. A única maneira de refletir a ganância dos magnatas. Vamos ver que fatos dois ditados são absolutamente certos.

portanto, o Brasil deu de presente para os Estados Unidos e outros países imperialistas um e meio bilhão de dólares; isto é, a bagatela de um trilhão e duzentos milhões de cruzeiros, (Cr\$ 1.200.000.000,00), quantia quase igual a todas as despesas do Governo brasileiro durante o ano de 1962. Como disse o governador Leonel Brizola isto sim é que é ajuda.

de dólares de lucros e outras formas de ganhos das empresas estrangeiras que exploram nosso país. Em cruzeiros, trocados pelo câmbio livre, isto representa cento e sessenta bilhões de cruzeiros, dinheiro suficiente para construir residências para centenas de milhares de trabalhadores, ou para instalar algumas dezenas de fábricas.

O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, sr. Roberto de Oliveira Campos um dos mais eméritos antropólogos que já tivemos, foi obrigado a confessar há pouco tempo o que as forças nacionalistas e democráticas vêm dizendo há anos e anos Segundo o "nosso" embaixador, entre 1955 e 1961, em seis anos,

Mas isto ainda não é tudo. Esta soma astronômica se refere apenas ao roubo de que fomos vítimas por terem caído sempre os preços dos produtos que vendemos, ao mesmo tempo que subiam os preços de tudo o que compramos. A história, entretanto, não para aí. Todos os anos são remetidos para o estrangeiro, principalmente para os Estados Unidos, legalmente,

Mas isto é apenas o que sai legalmente do país, como lucros e outros "direitos" dos monopólios estrangeiros. Existem ainda as gordísimas saídas ilegais realizadas por meio de falsas comissões pelos exportadores e importadores de mercadorias e a parte dos lucros destes monopólios que é distribuída ou reinvestida para aumentar ainda mais o seu poderio.

### Arroz

### Feijão

### Carne

### Leite

### Pão

### Café

### Açúcar

## As Montanhas do Café

A seguir na lista dos grandes ladrões do povo vêm os todo-poderosos senhores do café. Nos armazéns de nossos portos e de grande número de cidades do interior estão empilhadas sessenta milhões de sacas de café, ocupando inclusive lugar precioso necessário para armazenar alimentos que apodrecem por todo o país enquanto o povo das cidades passa dificuldades. Todas estas montanhas de café pertencem ao Governo que gasta trinta bilhões de cruzeiros por ano só para armazená-las. Segundo o ex-ministro do Trabalho João Pinheiro Neto outros duzentos bilhões ou mais foram gastos para comprar este café que ninguém compra e vai apodrecendo aos poucos.

Este ano, segundo o próprio Governo, outros cinquenta bilhões serão malbaratados neste negócio de pai para filho. Mais vinte e cinco bilhões serão emprestados aos magnatas do café para que substituam os cafeeiros velhos, já improdutivos por cafeeiros novos ou para criar gado, outro negócio da China. Mas não se pense que o Governo empresta "somentemente" este "pouquinho". De forma alguma.

chama esta agiotagem em termos técnicos, no mesmo Banco do Brasil, o que emprestaram. Apesar do jargão de sete chaves de que esta negociata é cercada, não existe qualquer dúvida de que ela custa para os cofres públicos, no total, muito mais de cem bilhões de cruzeiros por ano.

Desde que é piarado até chegar aos portos ou armazéns, o café recebe seis tipos diferentes de créditos, tanto no Banco do Brasil, como nos bancos particulares, que, numa "operação" altamente interessante, correm a recontar, como se

O que ocorre, então, é que o Governo financia a quase totalidade dos custos necessários à produção, industrialização e comercialização do café, garante a compra de todos os excedentes a preços fixados pelos próprios cafeicultores que dominam a Junta do IBC, órgão encarregado disto, e os magnatas do café embolsam mansamente os polpidos lucros.

## O Latifúndio e os Atravessadores

Lugar de destaque na lista dos ladrões do povo cabe aos latifundiários e intermediários que dominam a produção e venda de produtos alimentícios. Segundo o próprio Plano Trienal do Governo a Agricultura vem se beneficiando grandemente com o chamado processo de transferência de renda, obtido através da majoração artificial dos preços dos produtos agrícolas. E ainda o plano governamental que afirma que esse aumento de renda não beneficia de forma alguma os verdadeiros agricultores, isto é, os camponeses pobres, os parceiros e assalariados

agricolas. A transferência de renda da indústria para a agricultura, responsável por metade do aumento dos rendimentos dos latifundiários e grandes fazendeiros, diz o plano, é totalmente absorvido por estas duas camadas parasitárias. O que o plano não diz é que a famosa "transferência de renda do setor industrial para o agrícola" não é paga pelos lucros dos capitalistas, que não cessam de aumentar, e sim pelos salários dos trabalhadores, aguçados pela inflação.

Alçados aos intermediários exploradores, os latifundiários fixam os preços que bem entendem para "seus" produtos, inclusive fazendo com que desapareçam certos mercados, vendidos no mercado negro até que sejam obtidos os aumentos, e o que acontece é exatamente com o arroz e o feijão, escondidos pelos atravessadores, como inclusive foi denunciado pelo governador Leonel Brizola. E o que acontece com a carne, que os frigoríficos estrangeiros e os investidores dizem estar "em falta" enquanto não obtêm a liberação, como ocorreu nesta semana,

## A Agiotagem Bancária

Outro negócio da China é o das "operações de reconto" que se resumem no seguinte: os bancos particulares emprestam a curto prazo, alguns meses, e vão ao Banco do Brasil onde "re-descontam", isto é, recebem emprestado daquele banco oficial em troca das promissórias e títulos em seu poder, uma parte do que cederam aos seus clientes. O segredo do negócio está em que, além de transferirem parte de seu passivo ao Banco do Brasil, os bancos particulares emprestam a juros em torno de 40% ao ano, enquanto os juros do Ban-

co do Brasil são de apenas 12%. Por exemplo: um banco retira no Banco do Brasil cem milhões de cruzeiros num mês e paga no mês seguinte um milhão de juros. Os cem milhões obtidos, entretanto, são emprestados, digamos a 35% ao ano, ou 3% ao mês, e rendem 3 milhões de juros no primeiro mês, com o que o banco particular foi presentado com dois milhões.

uma quantia bem superior à que realmente foi cedida, transferindo a totalidade do crédito de fato feito ao Banco do Brasil e embolsando os juros sem empregar uma só tostão. E o Governo, que emita mais dinheiro ou, e que é no final das contas, a mesma coisa, o povo que pague mais esta espoliação. Para se ter uma idéia do vulto desta operação assordada basta examinar o balanço do Banco do Brasil que dava um total de quase cem milhões de cruzeiros "re-descontados" entre janeiro e setembro de 1962.

## O Povo Que Pague...

Se somarmos tudo o que apontamos até agora, veremos que existe um verdadeiro "orçamento fantasma", igual ou maior do que o orçamento oficial do governo federal, e que corresponde às "ajudas" do Estado brasileiro aos parasitas de toda a sorte que exploram nosso povo, particularmente os monopólios estrangeiros, o latifúndio e os produtores, comerciantes e exportadores de café. E como a história conhecida dos indivíduos que têm duas famílias. Só que neste caso

quem paga por tudo é o povo. E é por isto que o sr. Celso Furtado, ministro sem pasta e autor do Plano Trienal, não encontrou melhor resposta à interpegação do líder bancário Geraldo Magalhães, em sua discussão com os dirigentes sindicais na CNTI, do que dizer que era um simples técnico e que não poderia resolver problemas políticos. O líder bancário condenou os aumentos de preços por causa do corte aos subsídios governamentais ao trigo e ao pe-

tróleo e observou que os trabalhadores não podem apoiar uma política que põra suas condições de vida para não tocar nos privilégios dos poderosos grupos estrangeiros e nacionais que dominam nossa economia. Esse o verdadeiro conteúdo da política conciliadora do Governo: a defesa dos interesses dos trabalhadores é problema "político" de difícil solução, mas a preservação e ampliação dos privilégios dos parasitas é questão "técnica" que tem que ser resolvida fora de qualquer debate.

# NOVOS RUMOS